

A UNIÃO

João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 27 de dezembro de 2020



EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO

Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 9,00

Retrospectiva 2020

LEVE PARA CASA A UNIÃO, A MELHOR INFORMAÇÃO

ASSINE O JORNAL A UNIÃO



3218.6518 / (83) 99117 7042



CIRCULACAO@EPC.PB.GOV.BR



Editorial

O ano em que vivemos em perigo

2020, o ano da pandemia. O ano do coronavírus, da covid-19. Do #fiqueemcasa. Do álcool em gel. Da vacina que chega-não-chega. Certamente, não foi o ano que pedimos nas preces quando nos despedimos de 2019 e saudamos o ano que se anunciava no horizonte. Veio um ano difícil, tenso, triste. Um ano sem abraços, sem afetos e sem rostos, que passaram a ser cobertos por máscaras de uma infinidade de cores e modelos, todas com um único propósito: manter o famigerado vírus longe.

O **Jornal A União** acompanhou a mais devastadora pandemia dos últimos tempos no mundo desde seu início, sem arrefecer, sem deixar de circular um dia sequer, fosse fim de semana ou feriado. Afinal, a imprensa é serviço essencial nas grandes calamidades mundiais e o jornal mais antigo da Paraíba em circulação - e atualmente, o único impresso - não recuou.

Ciente da missão de transmitir a informação correta, isenta de "fake news", e sabendo que estava construindo a história, viva, de um ano para lá de atípico, a equipe de **A União** buscou nas ruas, hospitais, comércio e junto ao poder público, o relato do dia a dia da covid e os efeitos que ela provocou nos 223 municípios paraibanos, na saúde, na economia, na educação, no cotidiano de cada cidadão e cidadã.

Não foi fácil, como nada mais o foi em 2020. Imbuídos da missão de entregar aos leitores um produto que honrasse a história de **A União**, um grupo de jornalistas, repórteres, editores, fotógrafos, revisores, diagramadores e artefinalistas se manteve firme, enquanto procurava escapar do vírus. Manter a saúde em dia e a cabeça focada foi o grande desafio do ano que vai embora. Uns escaparam da covid, mas não da estafa provocada pela pandemia. Outros foram acometidos da doença, mas graças a Deus, com sintomas leves. E, infelizmente, houve baixas.

A história do primeiro ano da pandemia está escrita nas páginas de **A União**. Parte dos exemplares que circularam este ano foi feita de maneira remota, um capítulo inédito e necessário para evitar a propagação do vírus. Presencialmente longe, mas bem próximos através do ambiente virtual, a equipe conseguiu colocar o jornal na rua. E no dia 31 de março, o jornal teve sua primeira página feita fora da redação, um feito inédito em 127 anos de existência.

O que o leitor irá encontrar nas próximas páginas é um resumo de 2020 sob o olhar de lince da equipe de **A União**, um ano em que vivemos em perigo.

André Cananéa
Gerente Executivo de Mídia Impressa



OUVIDORIA:
99143-6762

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albiege Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

Retrospectiva 2020
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA
IMPRESSA

Nara Valusca
EDITORA DO RETROSPECTIVA 2020

Alexandra Tavares
TEXTOS

Paulo Sérgio
PROJETO GRÁFICO/DIAGRAMAÇÃO

FOTO DA CAPA: Marcus Antonius

ARTIGOS: Audaci Junior - Geraldo Varela - Jorge Resende

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

UM ANO INESQUECÍVEL

O ano de 2020 chegou como qualquer outro. Nos primeiros dias, as festas de fim de ano ainda eram lembradas, as férias escolares seguiam seu curso normal, o calor de 30°C - comum em janeiro - levava os banhistas para a orla, as expectativas para o Carnaval, primeira grande festa do semestre, já atigavam a imaginação dos foliões. Os bares, restaurantes, cinemas, teatros e casas de espetáculos recebiam o público ainda ressacados do réveillon.

No decorrer dos 366 dias, haveria sete feriados prolongados, motivo para o trade turístico aguardar um maior faturamento, uma vez que a economia dava sinais de recuperação.

Em Brasília, as discussões sobre as reformas anunciadas pelo Governo Federal, os embates políticos no Congresso Nacional e as tomadas de decisões polêmicas do presidente Jair Bolsonaro estavam na pauta do dia. O ano também era de eleições em todo o



Foto: Marcus Antonius

Hábitos e expectativas mudaram ao longo do ano por causa da pandemia

país, e já se ouviam os burburinhos das alianças para o pleito que viria, certamente, no mês de outubro.

Enquanto isso, as disputas esportivas mundo afora transcorriam em ritmo acelerado, já de olho nas Olimpíadas de Tóquio. Os jogos eram o principal evento de 2020. Havia até paraibanos com passaporte pronto para a competição marcada para 24 de julho - casos de Álvaro Filho, no vôlei de praia, e Netinho Marques,

no taekwondo.

Certamente seria um ANO INESQUECÍVEL! Seria... Mas não foi bem assim que tudo aconteceu. O que parecia certo foi se tornando duvidoso e, posteriormente, muito do que estava programado não se cumpriria. É o que se concretizou foi de um jeito bem diferente do planejado. A avalanche de mudanças foi provocada por um organismo microscópico, mas que

Retrospectiva

tinha uma força capaz de atingir fortemente todos os habitantes do planeta.

Um vírus, tido inicialmente como misterioso começou a infectar pessoas na cidade de Wuhan, na China, no final de 2019. Inicialmente, foram dezenas de pessoas que apresentaram sintomas semelhantes a uma pneumonia, ou gripe forte. Os casos rapidamente se espalharam, chegando a outros continentes. Eram as primeiras ações do novo coronavírus, causador da covid-19.

Decretou-se oficialmente o estado de pandemia e, com isso, a população mundial teve que enfrentar uma batalha paralela à da covid-19. O medo da morte, do desemprego, da perda de um ente querido. Assim como em vários países, no Brasil não foi diferente. Famílias tiveram de viver isoladas, longe de quem amava, de aglomerações,

da vida social. O ambiente doméstico virou escritório de trabalho e sala de aula para os estudantes. Inúmeras atividades foram desempenhadas de forma remota.

A rua virou local para poucos, como os profissionais de saúde, que tinham no uniforme branco uma espécie de escudo, item vulnerável ao vírus, mas que creditava a homens e mulheres o papel de guerreiros, prontos para cuidar e tentar salvar a vida dos infectados.

Com a pandemia, a economia mundial despencou, grande parte dos eventos públicos agendados foi cancelado, mais de 60 milhões de pessoas se contaminaram e até hoje a doença segue fazendo vítimas – mais de 1,5 milhão de mortos, marca atingida no início

do mês de dezembro. Foi um ano de choro, de reflexão, de temor, mas também de se reinventar, de mostrar que o ser humano é capaz de ser solidário, de enxergar o que realmente importa na vida, de se reconhecer como um lutador. A inteligência do homem foi posta à prova. A corrida recorde em busca de uma vacina contra a covid-19, comprovou o poder da ciência, da mente humana.

Apesar de a flexibilização das atividades cotidianas terem sido adotadas em vários países, as populações mundiais vivenciam um "novo normal". Agora, vivemos na expectativa da chegada da vacina contra a covid-19 e incertos do que estar por vir, no entanto, não podemos negar que, definitivamente, 2020 será um ANO INESQUECÍVEL.

A 2020

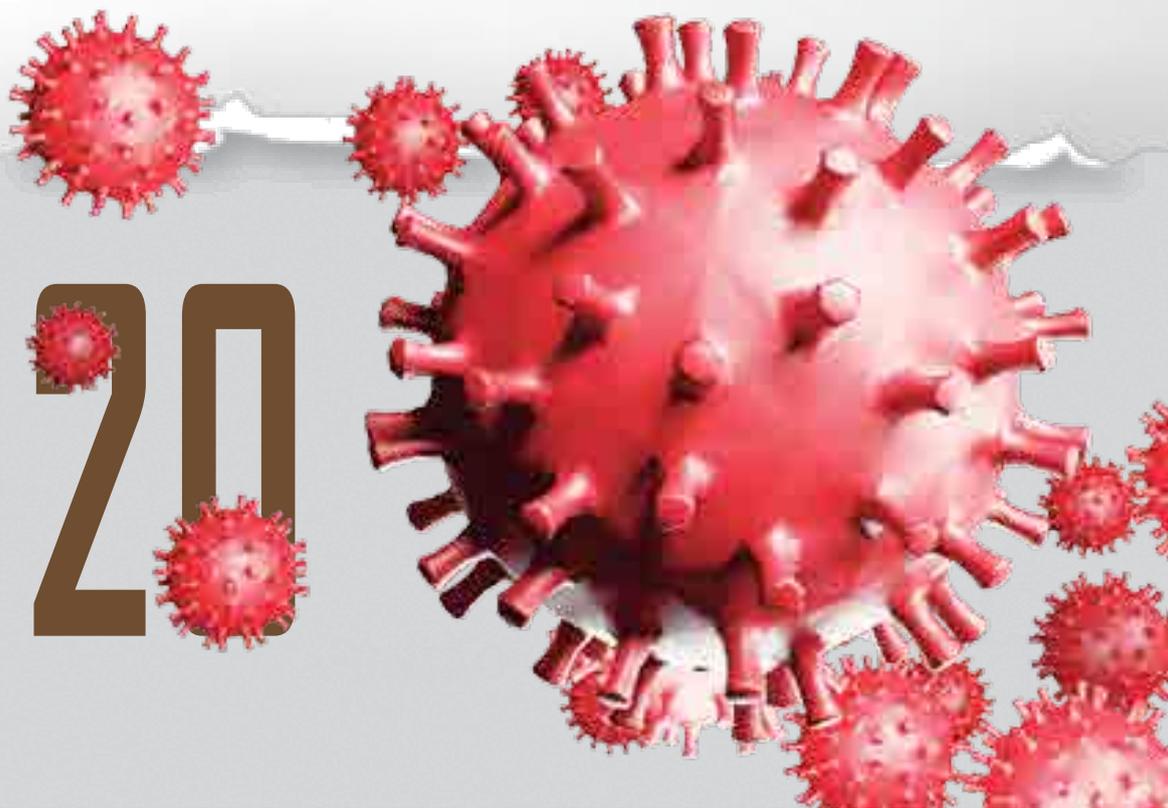




Foto: Fotos Públicas

Pacientes internados em hospital chinês: o poder devastador do vírus começava a ficar evidente

Foto: Marcus Antonius



A chegada do vírus

Foto: Fotos Públicas



Equipes médicas da China foram enviadas a Wuhan, onde os primeiros casos surgiram

Do outro lado do mundo, na cidade chinesa de Wuhan (a sétima mais populosa do país asiático), ocorreu o primeiro caso de um vírus até então não identificado, mas que causava crises respiratórias graves nos pacientes. A hipótese mais provável era de que a origem da contaminação teria ocorrido em um mercado de animais vivos da cidade.

Era final de dezembro de 2019, e a humanidade não imaginava o que estava por vir. De algumas pessoas infetadas, o caso passou a se tornar um surto, chamando a atenção de autoridades mundiais, que temiam algo bem maior.

O mais assustador era a rapidez com que a doença se espalhava na China. Ainda no primeiro mês de 2020, o inimigo invisível foi enquadrado pelos cientistas como pertencente à família dos coronavírus. Recebeu inicialmente o nome de 2019-nCov, depois foi rebatizado de Sars-Cov-2,

causador da doença covid-19.

A transmissão era respiratória e rapidamente ultrapassou as fronteiras chinesas, chegando à Tailândia, Japão, Coreia do Sul, acendendo o sinal de alerta da Organização Mundial de Saúde (OMS), que advertia o mundo sobre uma possível contaminação em massa. As dezenas de contaminados passaram para centenas, e cada vez mais pessoas, de diferentes nacionalidades, morriam. Depois de se espalhar pela Ásia, chegou à Austrália, Europa, países da América do Norte, da América Latina e finalmente na África - nenhum continente era imune ao ataque. O planeta estava em estado de emergência de saúde global. Pouco tempo depois veio a constatação da pandemia.

Logo quando o vírus contaminou pessoas fora da China, a OMS foi rápida em chamar a atenção sobre a necessidade de os países preparem os hospitais para um novo vírus que se disseminava rápido e que poderia ser fatal.

Naquela época, não se tinha um quadro clínico claro dos pacientes, tudo ainda era novo e incerto. A situação ficou mais



temerosa quando um estudo feito pelo centro de pesquisas na Imperial College de Londres levantou a suspeita de que os casos contabilizados em Wuhan eram bem mais do que os anunciados pelas autoridades chinesas. Enquanto o país asiático divulgava cerca de 300 pacientes, o estudo estimava que já existiam mais de 1.700 contaminados.

Pesquisadores alegavam que os números confirmados eram baixos

demais, de maneira que não seria possível que outros países também tivessem casos da doença sem que uma parcela populacional mais expressiva de Wuhan tivesse sido infectada.

Numa tentativa de impedir o avanço da doença, o governo chinês colocou 18 milhões de pessoas em quarentena. A cidade de Wuhan foi isolada, medidas sanitárias foram adotadas, mas o vírus não parava de se espalhar.

Foto: Reprodução

A corrida para tratar os doentes foi surpreendente. Para se ter uma ideia, em apenas dez dias, o país asiático construiu um hospital com mil leitos para atender os infectados. Outros centros de saúde viriam depois, com a mesma finalidade.

No Brasil, os primeiros casos suspeitos foram em Belo Horizonte, Porto Alegre e Curitiba, todos descartados. Em janeiro, enquanto o mundo somava 9.900 pessoas contaminadas, sendo 99% dos casos confirmados na China, o Brasil tinha somente 12 casos suspeitos em cinco estados: Ceará (1), Paraná (1), Rio Grande do Sul (2), Santa Catarina (1) e São Paulo (7).

Mesmo sem confirmação de doentes, o ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, decretou estado de emergência pública no dia 4 de fevereiro. Com a decretação, o governo ficava dispensado de realizar licitações "para os bens necessários ao atendimento da situação emergencial", de acordo com a Lei de Licitações.

Além das questões de controle da possível disseminação, a medida era indispensável para a repatriação dos 40 brasileiros que estavam na cidade de Wuhan. A China não se opôs, e todos foram trazidos para o território brasileiro.

Mas enquanto países como os Estados Unidos já tinham barrado a entrada de chineses ou de viajantes vindos desse país em seu território, o Governo Federal no Brasil descartava esta hipótese, ignorando o avanço da covid-19.





O então ministro da Saúde, Henrique Mandetta, decretou estado de emergência pública no Brasil no dia 4 de fevereiro por causa da pandemia

Fora da China continental, 185 infecções pelo novo coronavírus foram confirmadas em 26 países e territórios no dia 5 de fevereiro. Eram 20 casos confirmados no Japão; 19 na Tailândia; 18 em Cingapura; 15 na Coreia do Sul; 15 em Hong Kong; 12 na Austrália e 11 nos Estados Unidos. Taiwan e Alemanha tinham 10 casos cada; Macau, 9; Malásia e Vietnã, 8 cada; França, 6; Emirados Árabes Unidos, 5, e Índia, 3. O Canadá, a Itália, o Reino Unido, a Rússia e as Filipinas havia dois casos cada, ao passo que o Nepal, Camboja, Sri Lanka, a Finlândia, Suécia e Espanha registrava um caso cada.

No mesmo período, o Brasil contabilizava nove casos suspeitos e o secretário de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde,

Wanderson Oliveira, afirmava que era “baixo” o risco da chegada do vírus ao Brasil naquele momento.

A gravidade da situação no planeta parecia não impactar a equipe do Palácio do Planalto. A ministra da Agricultura, Tereza Cristina, chegou a dizer, em 15 de fevereiro, que existia “pânico” em relação à doença, alegando que, considerando que a população chinesa era de 1,3 bilhão de habitantes, proporcionalmente, o número de infectados e mortos era “nada”. Neste momento, havia 64.460 casos contabilizados no mundo, conforme dados da universidade Johns Hopkins, dos Estados Unidos. Somente na China eram 63.866 casos. O número de mortes chegava a 1.384.

Três dias após essa marca,

no dia 18, o diretor do Hospital Wuchang, em Wuhan, centro do novo coronavírus, morreu de uma pneumonia resultante da covid-19. Liu Zhiming, neurocirurgião de 50 anos, foi o primeiro diretor de um hospital a sucumbir à doença.

A rápida contaminação fez com que muitos países afetados adotassem medidas de isolamento social e mudassem as atividades do cotidiano. As ruas ficaram desertas, os estabelecimentos comerciais fechados, ninguém ia à escola ou ao trabalho. Em março, dados da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) apontaram que a covid-19 havia deixado 776,7 milhões de estudantes, de 85 países, fora da escola.

O vírus no Brasil e casos suspeitos na PB

O primeiro caso de covid-19 confirmado no Brasil só foi anunciado em 27 de fevereiro e era de um homem, com 61 anos, morador da cidade de São Paulo, que havia estado na região da Lombardia, norte da Itália. Naquele momento, havia 20 casos suspeitos da doença no país.

Coincidência ou não, neste mesmo dia, a Paraíba divulgou o primeiro caso suspeito no Estado. Era de um homem de 59 anos, que estava internado no Hospital Clementino Fraga, em João Pessoa, um dos hospitais de referência para tratamento da doença na capital. O paciente havia viajado para o norte da Itália, zona de risco de contaminação, entre os dias 14 e 23 de fevereiro.

A esta altura, já eram 20 casos suspeitos no Brasil: Paraíba (1), Pernambuco (1), Espírito Santo (1), Minas Gerais (2), Rio de Janeiro (2) e Santa Catarina (2) e São Paulo (11). Cinquenta e nove casos suspeitos já haviam sido descartados. Com o avanço das possíveis contaminações, a campanha de vacinação contra gripe, prevista

para abril, foi antecipada para março em todo o país.

Dois dias após o primeiro caso suspeito na Paraíba, a Secretaria de Saúde anunciou que o paciente de 59 anos não estava com a doença. Ele foi diagnosticado com rinovírus, comum em resfriados.

A Paraíba seguiu com outros casos suspeitos e a corrida por itens básicos de proteção, como máscaras e álcool em gel, disparou. Para se ter uma ideia, uma máscara descartável chegou a ser vendida em João Pessoa por R\$ 22,00.

Havia também os aproveitadores que agiam com má fé e se valiam do temor da covid-19 para vender remédios falsos no Estado contra a doença. A proprietária de uma farmácia de manipulação no bairro de Manaíra, em João Pessoa, chegou a ser detida em março por praticar este crime. Ela anunciava nas redes sociais que complexos vitamínicos, produzidos no estabelecimento, imunizavam o organismo contra o vírus. A farmácia foi fechada e ela respondeu por propaganda enganosa.

Enquanto isso, a Organização

Mundial de Saúde (OMS) recomendava a suspensão do uso do Ibuprofeno (anti-inflamatório) nos pacientes com covid-19. O remédio (utilizado no mercado para tratamento de dor, febre e inflamação) foi adotado na época por vários países no tratamento de combate à doença.

Mas, a OMS decidiu tirar seu aval após pesquisas científicas publicadas na França apontarem que o Ibuprofeno poderia aumentar a probabilidade da expansão dos casos críticos. Segundo porta-vozes da OMS, o uso do paracetamol seria o mais indicado.

O Ministério da Saúde, no Brasil, no entanto, entendeu que o uso de anti-inflamatórios não influenciava negativamente no tratamento da covid-19. A equipe do presidente Bolsonaro garantia que não havia evidência científica suficiente que indicasse o agravamento de infecções no organismo por conta do uso deste remédio.

A notícia também repercutiu na Paraíba. Depois do anúncio da OMS, a Secretaria da Saúde do Estado reforçou a procura por atendimento médico, excluindo qualquer

tipo de automedicação. Outros medicamentos geraram polêmica no país, mas foi num estágio mais avançado da pandemia.

Enquanto as discussões sobre o tratamento da covid-19 ocorriam, os registros de pessoas infectadas continuavam no Brasil. O segundo paciente confirmado no país, assim como o primeiro, era morador de São Paulo e também tinha histórico de passagem pela Itália. Ele era funcionário da empresa XP

Investimentos. Como medida de precaução, todos os colaboradores da empresa que tinham viajado para áreas consideradas de risco, em um período de duas semanas, foram colocados para trabalhar em casa.

Com os dois casos de covid-19 no país, os cientistas puderam analisar mais de perto a doença e descobriu-se que o genoma do novo coronavírus de amostra coletada do primeiro paciente era diferente do genoma do segundo.

Além disso, eles apresentavam diferenças do sequenciamento feito em pessoas infectadas na China. Foi o que confirmou a pesquisa feita por cientistas do Instituto Adolf Lutz, em parceria com o Instituto Tropical da Universidade de São Paulo (USP), com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Isso indicaria, segundo os pesquisadores, que estava ocorrendo transmissão interna nos países da Europa.

Mortes

A primeira morte no Brasil por coronavírus ocorreu em São Paulo, no dia 12 de março. A vítima foi uma mulher de 57 anos. O segundo foi no dia 15 e, no dia 17, já eram confirmadas quatro mortes, duas em São Paulo e duas no Rio de Janeiro.

No dia 18 de março, a Paraíba divulgou o primeiro caso confirmado da doença no Estado. O paciente era um homem de 60 anos, residente no município de João Pessoa, com histórico de viagem recente para a Europa. Neste mesmo anúncio, a Secretaria de Estado da Saúde (SES) informou o falecimento de uma mulher de 39 anos, que se incluía como um dos casos suspeitos. Ao final das análises, o exame acabou dando negativo para covid-19.

Já o primeiro óbito causado pelo novo coronavírus no Estado só aconteceu no dia 31 de março. Danilo Andrade, de 36 anos, era morador de Patos e estava internado no Hospital Clementino Franga, em João Pessoa. O paciente apresentava quadro de diabetes. O jornal **A União** registrou em suas páginas.

Nesta época (1º de abril), havia 19 casos de contaminação pelo vírus confirmados no Estado. E o Brasil batia recordes de mortes a cada



Jornal A União noticiou a primeira morte na Paraíba

atualização sobre a doença. Ao todo eram 201 óbitos, com um aumento de 42 casos fatais em um período de 24h. A taxa de mortalidade era de 3,5% na época. O número de pessoas infectadas chegou a 5.717 brasileiros. No mundo, a infecção tinha atingido 823 mil pessoas em 177 países, com 39 mil mortes registradas até aquele momento.

Apesar de grande parte dos casos graves ter sido registrada em pessoas da terceira idade, a situação, aos poucos, foi mudando, e o vírus passava também a atingir os jovens. Com essa constatação, a Organização Mundial da Saúde (OMS) pediu aos governos que empregassem medidas de prevenção e tratamento também aos adultos saudáveis e até mesmo em crianças. Estávamos no início de uma difícil batalha.

A reação do Governo da Paraíba

O primeiro caso confirmado de covid-19 na Paraíba ocorreu em março, porém, dois meses antes já foram postas em prática ações preventivas. Uma das primeiras medidas foi a implantação de um Centro de Operações Especiais para evitar e controlar possíveis infecções. Criada pela Secretaria Estadual de Saúde, a iniciativa teve a participação de órgãos e serviços da área nas esferas municipal, estadual e federal.

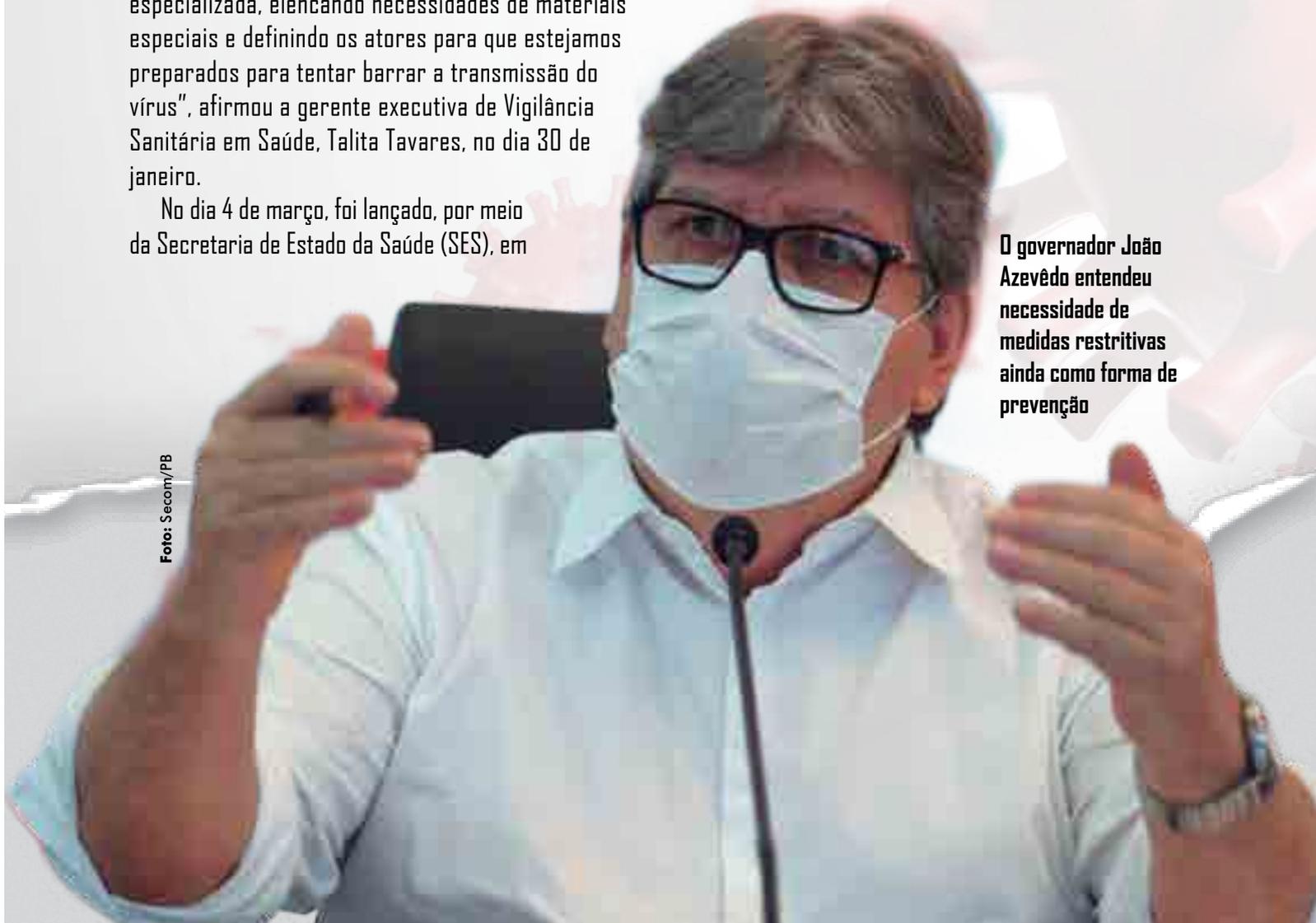
Tudo foi pensado para barrar ou minimizar ao máximo a ação do vírus nos municípios paraibanos. “O momento que estamos hoje é de construir um plano de ação para contingenciamento de uma possível chegada da doença à Paraíba. Estamos alinhando o fluxo de atendimento hospitalar, montando equipe especializada, elencando necessidades de materiais especiais e definindo os atores para que estejamos preparados para tentar barrar a transmissão do vírus”, afirmou a gerente executiva de Vigilância Sanitária em Saúde, Talita Tavares, no dia 30 de janeiro.

No dia 4 de março, foi lançado, por meio da Secretaria de Estado da Saúde (SES), em

parceria com a Secretaria de Estado da Comunicação Institucional (Secom), um hot site com informações gerais sobre o coronavírus. Por meio de um endereço eletrônico, a população poderia obter respostas sobre a doença; disseminação de fake news sobre o assunto, entre outros temas. O Estado ainda ofereceu o “plantão telefônico”, disponível 24 horas, para a população tirar as dúvidas sobre as primeiras providências em caso de suspeita do coronavírus.

Assim como em muitos lugares do mundo, a Paraíba se organizou para garantir o fluxo assistencial e definir normas sanitárias no funcionamento de vários órgãos e também no dia a dia da população. O diferencial foi que o planejamento e a execução de muitas ações no Estado se antecederam às ocorrências.

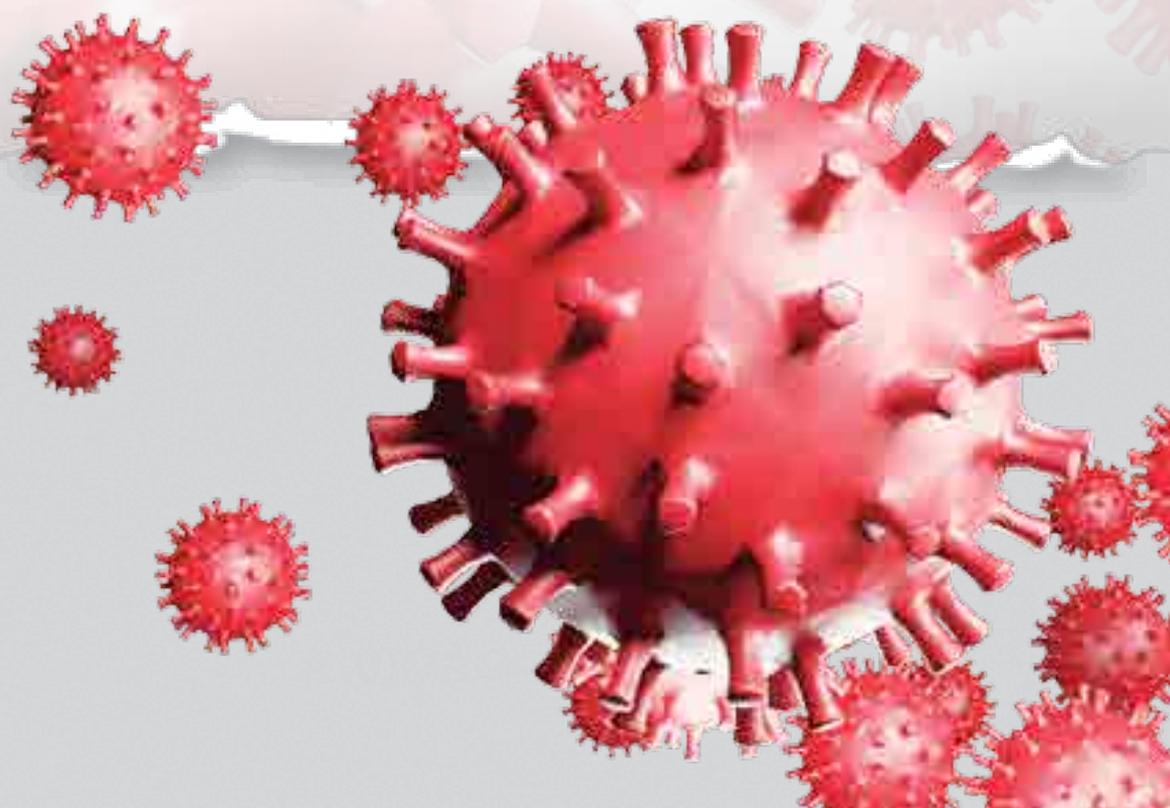
O governador João Azevêdo entendeu necessidade de medidas restritivas ainda como forma de prevenção





Medidas restritivas

As primeiras discussões sobre as implantação de medidas restritivas no combate ao novo coronavírus ocorreram na primeira quinzena de março. Um desses encontros ocorreu no dia 13, quando secretários dos nove estados do Nordeste se reuniram para definir ações de combate à epidemia. Ao propor a reunião de urgência com os integrantes do Consórcio Nordeste, o governador João Azevêdo justificou a necessidade de se ganhar tempo nas respostas aos possíveis registros de covid-19.





Medidas restritivas e barreiras sanitárias modificaram a rotina do paraibano a partir do mês de março

O secretário da Saúde, Geraldo Medeiros, defendia a ideia de que o Nordeste, bem como o Brasil, precisava antecipar etapas na luta contra a doença, evitando que chegassem a níveis preocupantes como ocorria na Itália.

Naquela época, o Nordeste apresentava seis casos confirmados, distribuídos em Alagoas (1), Bahia (3) e Pernambuco (2); e 317 suspeitos. A Paraíba investigava 10 casos, mas não

havia confirmação. Ao passo que a Itália já somava 17.660 infectados e registrava 1.266 mortes, sendo o epicentro da epidemia na Europa.

Após algumas discussões, não tardou para serem divulgados os primeiros decretos no Estado. No dia 14 de março, foi publicado, no Diário Oficial, o decreto que criava o Comitê Gestor de Crise para enfrentamento da pandemia, bem como anunciada a situação de emergência em saúde pública na

Paraíba. A medida tinha caráter preventivo e objetivava assegurar estruturas necessárias para o enfrentamento de possíveis casos no Estado, que possui 13,32% de sua população acima de 60 anos de idade, grupo mais vulnerável à doença.

Os idosos, aliás, são públicos prioritários dos gestores públicos estaduais e municipais na pandemia. Eles puderam, por exemplo, ser vacinados contra a gripe sem sair do carro, dentro de um sistema de 'drive thru'. Essa população também ficou resguardada com relação às visitas aos apenados, entre outras ações.

As primeiras medidas restritivas na Paraíba foram adotadas a partir de 17 de março. Desde então, a rotina da população começou a ser alterada devido à pandemia. Foi suspenso o atendimento presencial nas repartições públicas estaduais e proibida a realização de eventos de massa. A antecipação do período de férias escolares da rede pública estadual de ensino também foi determinada pelo governo. As medidas eram realizadas em conjunto com as prefeituras, sobretudo a de João Pessoa e de Campina Grande.

COVID-19 :



À medida que o vírus se espalhava pelo mundo, as restrições eram endurecidas. Seguiam suspensas atividades nas academias de ginástica, comércio, centros esportivos, shopping centers, teatros, cinemas, casas noturnas, bares, restaurantes e casas de festas. Estava impedido de ocorrer qualquer evento cultural, político, comercial ou esportivo que envolvesse aglomeração. Atendendo a uma determinação do Governo da Paraíba, o Centro de Convenções de João Pessoa foi fechado e todos os eventos que estavam agendados foram suspensos.

Aulas remotas

Os estudantes das escolas e universidades públicas e privadas ficaram sem aulas presenciais. Os estudos seguiram de forma remota. A Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia disponibilizou a plataforma online 'Paraíba Educa', com todas as informações sobre o Regime Especial de Ensino, assim como os recursos educacionais, documentos legais e pedagógicos norteadores dessa nova forma de aprendizado. Além da plataforma 'Paraíba Educa', também foram oferecidos os recursos Google Classroom, vídeo-aulas, redes sociais e impressos.

As prefeituras de João Pessoa, de Campina Grande e de

outros municípios paraibanos agiam em consonância com os decretos estaduais, proibindo qualquer atividade que tivesse aglomeração, fechando comércio, escolas e restringindo o acesso ao transporte público.

Na capital, os parques Paraíba e a Lagoa, assim como as praias e o calçadão da orla, também não poderiam receber visitantes graças a um decreto da prefeitura de João Pessoa, que tentava impedir a disseminação do novo coronavírus. O descumprimento da medida poderia resultar em multa de R\$ 2 mil ou detenção de um mês a um ano.

As restrições também atingiram as feiras livres de João Pessoa que, conforme decreto municipal, tiveram de ser esvaziadas. Outra medida municipal impediu a circulação de vendedores ambulantes na cidade. As famílias tiveram de se adaptar, pois tinham que ficar o tempo todo, ou a maior parte do dia, em casa. Muitos paraibanos tiveram que reservar um cômodo da residência para ser escritório e sala de aula.

Os momentos de lazer também ocorriam dentro dos lares.

A suspensão das atividades no Estado atingiu inúmeros órgãos, a exemplo do Sistema Nacional de Empregos da Paraíba (Sine-PB), Casas da Cidadania, Empresa Paraibana de Turismo (PBTur) Autarquia de Proteção e Defesa do Consumidor do Estado da Paraíba (Procon-PB). Os canais de atendimento ficaram on-line. A Polícia Civil da Paraíba suspendeu a emissão das carteiras de identidade. Somente casos de urgência eram atendidos.

Máscaras

O decreto 40.242, de 16 de maio, determinou a obrigatoriedade do uso de máscara em locais públicos. Essa exigência abrangia também os transportes coletivos e estabelecimentos comerciais, ficando estipulada uma multa para as empresas, no valor de R\$ 100 por cada pessoa encontrada sem o item de segurança.

Em maio, o isolamento social já abrangia todos os municípios paraibanos. Barreiras sanitárias

Foto: Marcus Antonius



Proibidas para evitar disseminação do vírus, feiras livres ficaram vazias em JP

estavam espalhadas no acesso às cidades litorâneas e as equipes trabalhavam em locais como Porto de Cabedelo e aeroportos do Estado. Sob a coordenação da Agência Estadual de Vigilância Sanitária, os profissionais realizaram a desinfecção de veículos automotores nas divisas da Paraíba com os estados vizinhos. Também verificaram a temperatura corporal de passageiros. A gestão estadual ainda suspendeu o desembarque e a circulação da tripulação de navios de carga no Porto de Cabedelo.

Com o seguimento das medidas para conter a disseminação do novo coronavírus, também ficou atribuído ao governo o direito de requisitar, em caráter excepcional, o usufruto de bens e recursos, em especial de médicos, leitos, materiais, medicamentos, insumos, por tempo indeterminado, mediante justa remuneração arbitrada pelas autoridades competentes.

O governador João Azevêdo assegurou que a gestão estadual iria compartilhar com os municípios recursos provenientes do Governo Federal, destinados ao combate ao coronavírus, para auxiliar na alocação de pessoal e equipamentos de suporte à vida.



Foto: Reprodução

Celebrações religiosas passaram a ser on-line após a proibição de aglomerações

Atividades religiosas

Com a proibição de qualquer evento que envolvesse aglomeração, ficaram suspensas também as atividades religiosas de forma presencial, uma dura realidade para os fiéis acostumados a comparecer às igrejas. A Arquidiocese da Paraíba anunciou, no dia 17 de março, a interrupção de encontros como catequese, Encontro de Casais com Cristo (ECC), Encontro de Jovens com Cristo (EJC), assembleias, vias-sacras públicas, procissões e festas sagradas.

A ideia inicial era de que as celebrações da Eucaristia poderiam ocorrer com um público pequeno, ou seja, até 100 pessoas em ambiente fechado ou 200 pessoas em ambiente aberto. E as igrejas deveriam permanecer com portas e janelas abertas durante as celebrações.

Mas na prática, esses planos não foram muito longe. No dia 19 de março, a



Foto: Marcus Antonius

Igrejas precisaram se adaptar

Arquidiocese da Paraíba suspendeu a realização de celebrações eucarísticas e missas com a participação do povo. Apenas os padres e poucos auxiliares poderiam realizar missas de portas fechadas. Tudo era transmitido de forma on-line. Em tempos de isolamento social, de perdas de pessoas e temor da pandemia, as orações tiveram que acontecer dentro dos lares, de forma individual ou entre familiares.

Um hospital de campanha foi erguido do zero em apenas 17 dias no estacionamento do Hospital Metropolitano

Foto: Marcus Antonius

Hospitais

Uma das prioridades do Governo do Estado foi destinar leitos para atender à possível demanda. Ainda em janeiro foi anunciado que, em João Pessoa, as duas unidades de referência para atendimento de covid-19 seriam o Hospital Clementino Fraga, em Jaguaribe, e o Hospital Universitário Lauro Wanderley, da Universidade Federal da Paraíba.

Muitos outros leitos viriam com medidas que envolveram construção, ampliação e adequação física de hospitais. Nesta lista, destaca-se a construção, em apenas 17 dias, do Hospital Solidário (hospital de campanha), sendo a primeira unidade do Nordeste a ficar pronta, erguida do zero. A estrutura foi montada no estacionamento do Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires, em Santa Rita.

Em Campina Grande, foram implantados 60 leitos no Hospital de Emergência e Trauma Dom Luiz Gonzaga, cujo investimento estimado foi de R\$ 4,7 milhões, além da realização da adequação física do Hospital Dr. Francisco Brasileiro (R\$ 2,4 milhões), com 120 leitos. Na Rainha da Borborema, ainda vale citar os 120 leitos ofertados pelo Hospital das Clínicas.

Na capital, foram gastos mais R\$ 1,2 milhão com a instalação de mais de 120 leitos no Hospital Santa de Paula. Em maio, a gestão estadual anunciou recursos da ordem de R\$ 7 milhões destinados às unidades de saúde para atender pacientes de covid-19.

A ação seguiu por outros municípios paraibanos. Também foi assegurada a ampliação de novos leitos de Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) e de enfermaria no Complexo Hospitalar Regional Deputado Janduhy Carneiro,

no município de Patos. Esses foram alguns exemplos de ações voltadas à oferta de leitos no Estado da Paraíba. Em todos os 223 municípios paraibanos foram distribuídos testes rápidos para detectar a doença.

Como plano de contingência para conter a propagação do vírus, os hospitais paraibanos suspenderam as visitas aos pacientes. O objetivo foi tentar impedir que os pacientes internados tivessem acesso diário à possível circulação do vírus trazidos pelos visitantes.

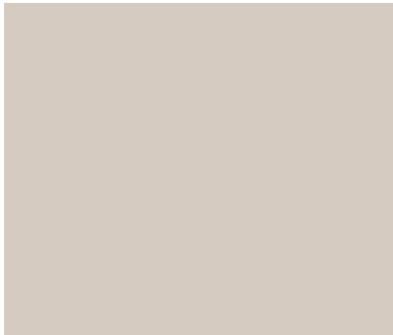
Alguns dos hospitais que adotaram a medida foram o Hospital Universitário Lauro Wanderley e o Hospital Napoleão Laureano, ambos em João Pessoa; e o Hospital da FAP e o Hospital de Emergência e Trauma, em Campina Grande.

Isolamento social mais rígido

Quando se chegou em um estágio em que os casos da doença avançavam e a população insistia em sair de casa, foi lançado o decreto estadual 40.289, que deixava mais rígida a exigência do isolamento social e previa punições para quem desobedecesse. Bloqueios sanitários foram instalados nos municípios de João Pessoa, Alhandra, Bayeux, Caaporã, Cabedelo, Conde, Santa Rita e Pitimbu com a finalidade de convencer a população a retornar às suas casas. Apenas trabalhadores de serviços essenciais, como médicos e enfermeiros, podiam se deslocar.

A população em geral, que necessitasse de serviços como consulta médica, veterinária, ir ao supermercado, farmácias ou outra atividade prevista no decreto, precisava apresentar uma declaração, informando o local e o motivo do deslocamento.

Fotos: Marcus Antonius



Além da construção do Hospital Solidário, erguido do zero no estacionamento do Hospital Metropolitano, o Governo do Estado providenciou a abertura de leitos em vários outros hospitais, antecipando-se a um eventual crescimento da demanda



Unidades Prisionais

A realidade de quem cumpria pena também foi adaptada. A Secretaria da Saúde do Estado estipulou que em cada unidade prisional fosse reservada uma sala para o isolamento do detento que apresentasse sintoma do novo coronavírus.

Remédios indicados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no tratamento de sintomas da covid-19, como dipirona e paracetamol, foram distribuídos nos presídios, que ainda tiveram um aumento de 30% no recebimento de alimentos com balanceamento nutricional. A intensão era garantir melhor imunidade à população carcerária.

Detentos do regime semiaberto também cumpriram pena em regime domiciliar. Foi o que ocorreu com os apenados das Comarcas da capital e de Sousa, no Sertão paraibano. A determinação foi da Vara das Execuções de João Pessoa, obedecendo a uma recomendação do Conselho Nacional de Justiça, com base na classificação de pandemia feita pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Casas Legislativas

As atividades na Assembleia Legislativa da Paraíba foram suspensas em março, na Paraíba. A decisão ocorreu por meio de um Projeto de Resolução aprovado pelos deputados no dia 17 de março. Servidores incluídos nos chamados grupos de risco foram liberados.

A rotina nas câmaras municipais do Estado também foi alterada. Esse foi o caso das câmaras municipais de João Pessoa (CMJP) e de Campina Grande (CMCG), que estabeleceram medidas de

prevenção e contenção ao vírus. Entre as ações estavam a suspensão, por tempo indeterminado, das sessões especiais, solenes e audiências públicas como forma de evitar a aglomeração de pessoas. O acesso do público às dependências da Casa também foi restrito.

Campanha eleitoral

Com a proibição de se realizar eventos com qualquer aglomeração, os partidos e pré-candidatos a prefeitos e vereadores de João Pessoa decidiram suspender ou reduzir, a partir de março, as atividades relacionadas às eleições. A essa altura, aumentava o coro de alguns políticos pedindo o adiamento das eleições, ainda previstas para o mês de outubro. Eles desejavam que os recursos do Fundo Eleitoral (mais de R\$ 2 bilhões) fossem aplicados na melhoria da estrutura básica do sistema de saúde do país, considerando a possibilidade de calamidade pública.

Responsabilidade

Além do poder decisório assertivo, a gestão estadual agiu com seriedade quando o assunto era a saúde dos paraibanos e a pandemia. Enquanto o presidente Jair Bolsonaro pedia aos estados o fim do que ele chamava de "confinamento em massa", Azevêdo mostrou-se firme no isolamento social como forma de impedir a maior disseminação do vírus no Estado.

Juntamente com demais governadores do Nordeste, João Azevêdo assinou uma carta na qual solicitava a urgente coordenação e cooperação nacional para proteger os empregos e a sobrevivência dos mais pobres. O pulso firme e as ações preventivas pouparam muitas vidas no Estado.

Atenção às necessidades

Com o isolamento social, era notória a dificuldade econômica nos diversos setores da economia e também da população. Mesmo estando ciente da importância de se prosseguir com as medidas restritivas, o governo do Estado implementou ações para ajudar os paraibanos.

Nesse sentido, no dia 3 de abril, foi anunciado um pacote de medidas cujo impacto aos cofres estaduais era estimado em R\$ 145,5 milhões. Entre elas, estavam o adiamento do pagamento do ICMS dos meses de abril, maio e junho das empresas optantes do Simples Nacional (por 6 meses); linha de crédito especial para 1.450 empreendedores; carência de 90 dias para pagamento de débitos do Refis e dos parcelamentos administrativos de débitos a vencer; suspensão do corte de água e isenção da tarifa para famílias inscritas no Tarifa Social; distribuição de 52 mil cestas básicas e 5 mil kits de higiene, e o aumento no valor do Cartão Alimentação.

Ainda foi anunciado o lançamento de edital com recursos de R\$ 2 milhões para aquisição de produtos da Agricultura Familiar.

Na área cultural, projetos foram lançados para estimular a produção artística de forma on-line. Um deles foi o projeto Meu Espaço, fruto de um edital do Governo do Estado. O objetivo era proporcionar cultura, arte, entretenimento e atividades formativas para a população em quarentena, além de beneficiar mais de 70 artistas de diversas áreas que estavam impossibilitados de fazer apresentações em locais públicos por causa da pandemia. Os shows, apresentações artísticas e atividades formativas eram transmitidos 100% on-line e o público assistia pelas redes sociais.

Eleições americanas

Foto: Fotos Públicas

Enquanto o vírus atingia a população mundial e desafiava a capacidade de gestão dos líderes de todo o planeta para conter a proliferação da infecção, seguia nos Estados Unidos da América (EUA) uma acirrada disputa para a sucessão presidencial.

Os protagonistas da eleição eram o presidente republicano Donald Trump, que tentava emplacar a reeleição juntamente com o seu vice Mike Pence, e o candidato democrata Joe Biden, que foi senador por 30 anos e havia ocupado o cargo de vice-presidente de Barack Obama. A chapa de Biden tinha como candidata à Vice-Presidência a senadora Kamala Harris.

A eleição registrou a maior participação popular do pleito nos EUA desde 1900 e deu a vitória à chapa Biden e Harris. O pleito também contou com votação antecipada pelos Correios devido à pandemia. O resultado da eleição foi anunciado no dia 7 de novembro e trouxe outros fatos inéditos no país. A chapa democrata atingiu a maior quantidade de votos na história dos Estados Unidos, superando os 81 milhões. A senadora Kamala Harris se tornou a primeira mulher a ser eleita vice-presidente. Essa também foi a primeira vez, desde a eleição de 1992, que um presidente não foi reeleito nos EUA.

Inconformado com a derrota, Donald Trump alegou fraude na apuração e entrou na Justiça pedindo a recontagem dos votos. Mas a medida só reafirmou a vitória dos democratas, que tomarão posse do cargo no dia 20 de janeiro de 2021.

A campanha eleitoral também foi uma das mais turbulentas e polêmicas. De um lado, Donald Trump que, inclusive, adquiriu covi-19 em pleno ápice da disputa, em outubro, costumava discursar em público sem máscara, criticando o seu opositor, Joe Biden, que nunca aparecia sem o item de proteção. Aliás, as medidas de segurança adotadas durante a pandemia e a forma que o vírus era tratado pelos dois candidatos eram antagônicas e fez diferença nas urnas.

Vale lembrar que a campanha se desenrolou em meio a discussões sobre o sistema de saúde americano, as mudanças climáticas e os protestos antirracistas. O principal foco das mobilizações foi a morte do cidadão americano George Floyd, 46 anos, que, após uma abordagem policial, foi sufocado e morto por um agente branco no final de maio, no estado de Minnesota. O caso provocou manifestações em mais de 75 cidades. Em agosto, as mobilizações antirracistas tomaram novo impulso quando o jovem negro Jacob Blake, de 29 anos, foi deixado paraplégico na cidade, em Wisconsin, ao receber tiros de policiais.



Biden e Harris derrotaram chapa de Trump

Resultados obtidos

Entrevista com Daniel Beltrammi

Foto: Evandro Pereira

Quase um ano após as primeiras notícias da ameaça do novo coronavírus no Brasil, a equipe de reportagem procurou a Secretaria da Saúde do Estado da Paraíba para saber os resultados obtidos com as ações de prevenção e combate à covid-19 no Estado. O secretário executivo de Gestão da Rede de Unidades de Saúde, Daniel Beltrammi, declarou que os esforços para montar um plano de contingência eficiente, as estratégias e o plano de modelos para compreender como o vírus caminharia pelo Estado, foram um aprendizado. Mas o esforço para se evitar a disseminação do vírus colocou a Paraíba em local privilegiado em relação ao resto do país.

“O grande aprendizado foi compreender, naquele momento, os hospitais que teriam condições de atuar como centros de referência mas, acima de tudo, quais saberes, quais cuidados precisaríamos desenvolver entre os profissionais de saúde e ter um plano para formar essas pessoas. Também conhecer as necessidades de equipamentos que seriam necessários, além de fazer a expansão física de hospitais que não existiam”, afirmou.

Segundo ele, a segunda quinzena de janeiro marcou o início dos trabalhos que ajudariam a Paraíba a percorrer os últimos 10 meses. Desde o princípio, foram estudadas as possibilidades da entrada do vírus nas cidades paraibanas.

Concluídas as análises, foram construídas as projeções de como os casos cresceriam, o que obrigou a equipe a compreender como seriam distribuídos os leitos em todo o Estado. Vale salientar que toda a logística e práticas executadas na luta contra a doença eram feitas de forma articulada para apoiar os municípios.



Beltrammi: ano de desafios à Saúde

Atualmente, são 18 hospitais funcionando como centros de referência para o novo coronavírus no Estado, todos articulados pelo Centro Estadual de Regulação Hospitalar para covid-19. As unidades de saúde estão presentes na primeira, terceira e também na segunda macro regiões da Paraíba, atendendo os municípios do Litoral ao Sertão. São 797 leitos disponíveis nesse momento da pandemia, mas esse número, em outras ocasiões, chegou a mil, segundo Beltrammi.

Os desafios foram muitos, mas a mobilização antecipada e contínua dos profissionais de saúde do Estado deram respostas satisfatórias. Obviamente, nem tudo poderia ser controlado e previsto pelos gestores, como a desobediência de muitos cidadãos às medidas protetivas, ao isolamento social, ao uso de máscara. Porém, a Paraíba foi recompensada pelo trabalho coletivo, pela seriedade com que tratou a pandemia.

“A Paraíba é um dos poucos estados do Brasil que conseguiu testar mais que 10% de sua população (foram 410 mil testes adquiridos). Ao atualizar o Laboratório Central de Saúde Pública, trazendo o Lacen para o século XXI, permitindo que pudéssemos executar testes biomoleculares como o RT-PCR, o teste do cotonete grande no nariz”,

frisou o secretário.

“Esses avanços permitiram que a Paraíba estivesse, dez meses depois, numa condição de excelência para resposta obtida”, acrescentou Beltrammi. Ele enfatizou que o Estado é reconhecido por organismos governamentais e não governamentais pelas práticas de transparência sobre o uso dos recursos investidos para conter a covid-19.

Próximos passos

Organizada a casa, conhecendo melhor o inimigo invisível e as “armas” para a prevenção, o desafio agora é evitar aglomerações para que a doença não avance, enquanto a vacina não chega. Neste Natal e Ano Novo, o secretário executivo de Gestão da Rede de Unidades de Saúde, Daniel Beltrammi, ressalta a importância de os paraibanos se confraternizarem seguindo os protocolos de segurança do “novo normal”. “É preciso ter especial cuidado neste final de ano”.

O secretário convidou a população a conhecer os protocolos relacionados à festa natalina e à passagem de ano, cadastrados no site do governo do Estado, na área dedicada ao coronavírus, no espaço Plano Novo Normal, na opção Protocolos Sanitários.

Beltrammi afirmou que o governo, pela atenção e cuidados prestados na pandemia, organizou o observatório da covid-19, obtendo informações que ajudaram os profissionais a entender como o vírus chegou às famílias, as faixas etárias mais atingidas, níveis de renda, educacionais, entre outros dados. Essas informações, segundo ele, ajudarão a compor um panorama completo da pandemia no Estado, agora em dezembro, dando sequência ao plano de combate à infecção.

Fotos: Marcus Antonius

Com o Plano Novo Normal, salões de beleza puderam reabrir com agendamento dos atendimentos



A retomada



Depois da necessidade de se adotar medidas de restrições para conter o avanço do coronavírus, aos poucos, atividades do cotidiano foram sendo retomadas. A ameaça da covid-19 ainda estava nas ruas, mas era preciso voltar, com responsabilidade, e obedecendo normas sanitárias. O uso de máscara, a não formação

de aglomeração, o distanciamento entre as pessoas continuavam sendo, indiscutivelmente, pontos essenciais para se portar diante do “novo normal”.

Plano Novo Normal Paraíba

E foi esse o nome que o Governo do Estado deu ao conjunto de normas que disciplinava como seria esse recomeço: o Plano Novo Normal Paraíba, anunciado no dia 13 de junho. Desenvolvido pela Secretaria de Estado da Saúde (SES) e pela Controladoria Geral do Estado (CGE), ele se baseia em indicadores como a quantidade percentual de novos casos, óbitos, ocupação da Rede Hospitalar da Região e percentual de isolamento social.

Por isso, não se podiam flexibilizar todas as atividades de uma única vez. Na primeira fase do Plano, foram liberados cultos e missas, presencialmente, mas com a utilização de 30% da capacidade dos espaços.

A economia precisava ser aquecida, por isso, negócios como salões de beleza, spas e barbearias também já estavam aptos a retornarem às atividades, no entanto, com agendamento de clientes para que houvesse controle da quantidade de pessoas que compartilhariam esses espaços.

Os transportes públicos intermunicipais e as rodoviárias também voltaram a atender o público, porém, com 60% da capacidade, com higienização dos ambientes. Os ônibus que circulavam dentro do municípios, porém, não foram liberados à população em geral. Mas as obras públicas e privadas retornaram nesta fase.

Os bares estavam autorizados a abrir somente para serviço de entrega ou drive thru, mas os hotéis e pousadas só poderiam funcionar para atendimento relacionado à pandemia.

Shopping centers e o comércio em geral se mantiveram fechados, podendo atender o consumidor apenas por delivery ou drive in. As aulas presenciais nas escolas, universidades e faculdades da rede pública e privada permaneceram suspensas. Também não foi dessa vez que os artistas e torcedores puderam comemorar, uma vez que todos os equipamentos públicos de cultura e esporte permaneceram fechados.



Aos poucos, os transportes públicos voltaram a circular com frota reduzida

Os expedientes nas repartições públicas estaduais se mantiveram no modelo remoto, com exceção dos serviços das Secretarias de Saúde; Segurança e Defesa Social; Administração Penitenciária; Comunicação; Desenvolvimento Humano; Cagepa; Detran; Sudema; Agevisa e Fundac.

Nas unidades de saúde, muitos pacientes que aguardavam ansiosos por uma cirurgia começaram a ser atendidos.

Um exemplo foi a Central de Transplantes da Paraíba. Depois de 100 dias sem realizar cirurgias, retomou as atividades em junho.

Com os transplantes de fígado e rim, reiniciando, inclusive, a busca ativa dos potenciais doadores.

Além de estabelecer o que voltaria a funcionar e de que forma, o Plano Novo Normal possibilitou que os 223 municípios do Estado tivessem acesso a informações personalizadas,

através da classificação por bandeiras. O plano passou a vigorar no dia 16 de junho e nesta semana a Paraíba estava com 56% das cidades classificadas com bandeira laranja (mobilidade restrita), 37% na bandeira amarela (mobilidade reduzida), 6% na bandeira vermelha (mobilidade impedida) e apenas 1% na verde (nível normal). Cada prefeitura ia se adequando sobre o que poderia ou não liberar.

Alguns municípios, porém, insistiam em flexibilizar as atividades, mesmo estando inaptos. Alguns exemplos foram Santa Rita e Bayeux, que só podiam manter em funcionamento atividades essenciais porque estavam na bandeira vermelha. No entanto, as duas cidades decidiram flexibilizar o comércio. A decisão foi criticada por algumas entidades, como a Federação das Associações de Municípios da Paraíba (Famup).

No município de Cabedelo, a abertura do comércio gerou polêmica e foi parar na justiça. Em junho, a cidade estava classificada com a bandeira laranja, mas planejava liberar atividades como o comércio, o que não era permitido pelo decreto estadual. Por ordem da Justiça, o plano que previa menor rigor no isolamento social teve de ser suspenso.

O governador João Azevêdo criticou a flexibilização de serviços não essenciais durante a pandemia, fora dos critérios de segurança sanitária. Ele alertou que o decreto tinha de ser obedecido, caso contrário, o Governo iria tomar as providências necessárias para evitar a maior disseminação do vírus.

Bolsonaro: troca de ministros e contradições

Enquanto os gestores paraibanos liberavam as atividades gradualmente, seguindo as orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS) para conter a proliferação da doença, em Brasília, o presidente Jair Bolsonaro pedia, insistentemente, aos governadores e prefeitos que abrissem, em definitivo, o comércio. Em uma das afirmações polêmicas, o líder da nação brasileira disse que fazia esse apelo pela abertura do comércio, já que ele não tinha autoridade para tal porque o Supremo Tribunal Federal havia lhe tirado essa responsabilidade. No mesmo discurso, o presidente, sem usar máscara em meio a local público, declarou que, para ele, a OMS não tinha credibilidade.

Aliás, a prática do presidente de se contrapor e ignorar orientações de autoridades e organismos atingiu até sua própria equipe. Um exemplo foi o que aconteceu ao longo de 2020 com a troca dos ministros da Saúde. Foram três ao longo deste ano. O primeiro foi Luiz Henrique Mandetta que, ao contrário do líder nacional, defendia as medidas restritivas para conter a covid-19, pois estava antenado com as orientações da OMS e as estatísticas de morte causada pela pandemia no mundo.

Ele foi substituído por Nelson Teich que, entre outros pontos,

não defendia o uso da cloroquina no tratamento das pessoas infectadas. Na época da sua demissão, a substância (até então sem eficácia comprovada) era usada nos casos graves, mas Bolsonaro queria mudar o protocolo de uso da medicação, ampliando sua aplicação nos pacientes com covid-19.

O terceiro nome a assumir o Ministério da Saúde foi o general Eduardo Pazuello, que antes ocupava o cargo de secretário executivo da pasta. Diferentemente dos seus antecessores, Pazuello concorda com muitas ideias do chefe do Executivo, inclusive, sobre o uso da hidroxicloroquina. No entanto, já sentiu na pele as contradições do chefe. Em outubro,

o general chegou a anunciar a compra de 46 milhões de doses da vacina Coronavac. A medida foi elogiada pelos governadores brasileiros. Mas, um dia depois, Jair Bolsonaro suspendeu a compra do produto, desenvolvido pelo laboratório chinês Sinovac com o Instituto Butantan, de São Paulo.

A vacina Coronavac é uma das principais apostas do governador de São Paulo, João Doria, para imunizar a população do Estado. Mas como Jair Bolsonaro e Doria travam um forte embate de opiniões sobre a condução das medidas sanitárias durante a pandemia, Bolsonaro repudia a ideia de aquisição da sustância, que ele chama de "vacina chinesa de João Doria". Para o presidente, não tem eficácia comprovada.

Foto: Marcello Casal Jr. /Agência Brasil



Bolsonaro e Pazuello: indefinições sobre a aquisição da vacina contra o coronavírus



Flexibilização

As trocas de ministros e as críticas sobre a postura e tomadas de decisão do presidente do Brasil foram uma constante ao longo de 2020. E independentemente dos conflitos instalados em Brasília, os governadores precisavam gerir os estados, que enfrentavam o clima da pandemia. Na Paraíba, outras fases do Plano Novo Normal Paraíba tiveram prosseguimento. Gradualmente, outras categorias profissionais puderam trabalhar de forma presencial. Na capital, houve o retorno dos profissionais liberais, das lojas de material de construção, bem como dos jogadores de futebol profissional, que puderam retomar os treinos em julho. Os transportes públicos urbanos também passaram a circular nesse mesmo mês (três meses após o anúncio das restrições), mas somente com 60% da frota, e com horário reduzido.

Uma das grandes expectativas era a reabertura do comércio. Empresários e lojistas realizaram protestos no Estado, alegando grandes prejuízos com os estabelecimentos fechados, que resultavam em falência das filias e demissões de funcionários. A pressão foi tanta que uma dessas manifestações extrapolou o limite do respeito à dignidade do cidadão.

Em Campina Grande, funcionários de algumas lojas se ajoelharam, enfileirados, em frente aos estabelecimentos, sem respeitar o distanciamento entre eles. O objetivo era pedir pela abertura



do comércio. A ação, realizada no dia 27 de abril, repercutiu nacionalmente e havia informação de que a manifestação havia sido forçada por parte dos empresários. O caso levou o Ministério Público do Trabalho a investigar denúncia de coerção.

Mesmo com a pressão, o comércio em Campina Grande só voltou a funcionar, por etapas, no mês de junho. Em João Pessoa, as lojas de rua, assim como shopping centers, praças, parques, feiras livres e outras áreas públicas só foram liberados no início de julho, na terceira etapa do Plano Novo Normal Paraíba. Nos shoppings, permaneciam fechadas áreas comuns como os cinemas e salões de jogos. Os demais municípios tentavam se adequar aos decretos,

Aumento de casos

Com a reabertura de várias atividades, a população começou a se descuidar. Os flagrantes de aglomeração nas ruas e até cidadãos sem máscara eram fáceis de encontrar. As casas de festas e eventos só foram liberados no mês de setembro, mesmo assim, com algumas restrições, como a redução de 50% da capacidade do lugar. Mas em julho, a Polícia Militar cancelou várias festas realizadas em desacordo com as normas sanitárias, tanto em João Pessoa como em outros municípios. As denúncias partiam de moradores inconformados com a situação.

Neste período, a incidência do vírus não era tão preocupante no Estado. Estudos da Universidade Federal da Campina Grande apontavam que registros da covid-19 deveriam cair nas semanas subsequentes em João Pessoa (segunda quinzena de julho), já que a capital deveria atingir o platô. Enquanto Campina Grande deveria apresentar uma crescente no número de óbitos. Na primeira semana de julho, a Paraíba registrava mais de 50 mil infectados e cerca de 1.140 mortes.



Alerta da OMS

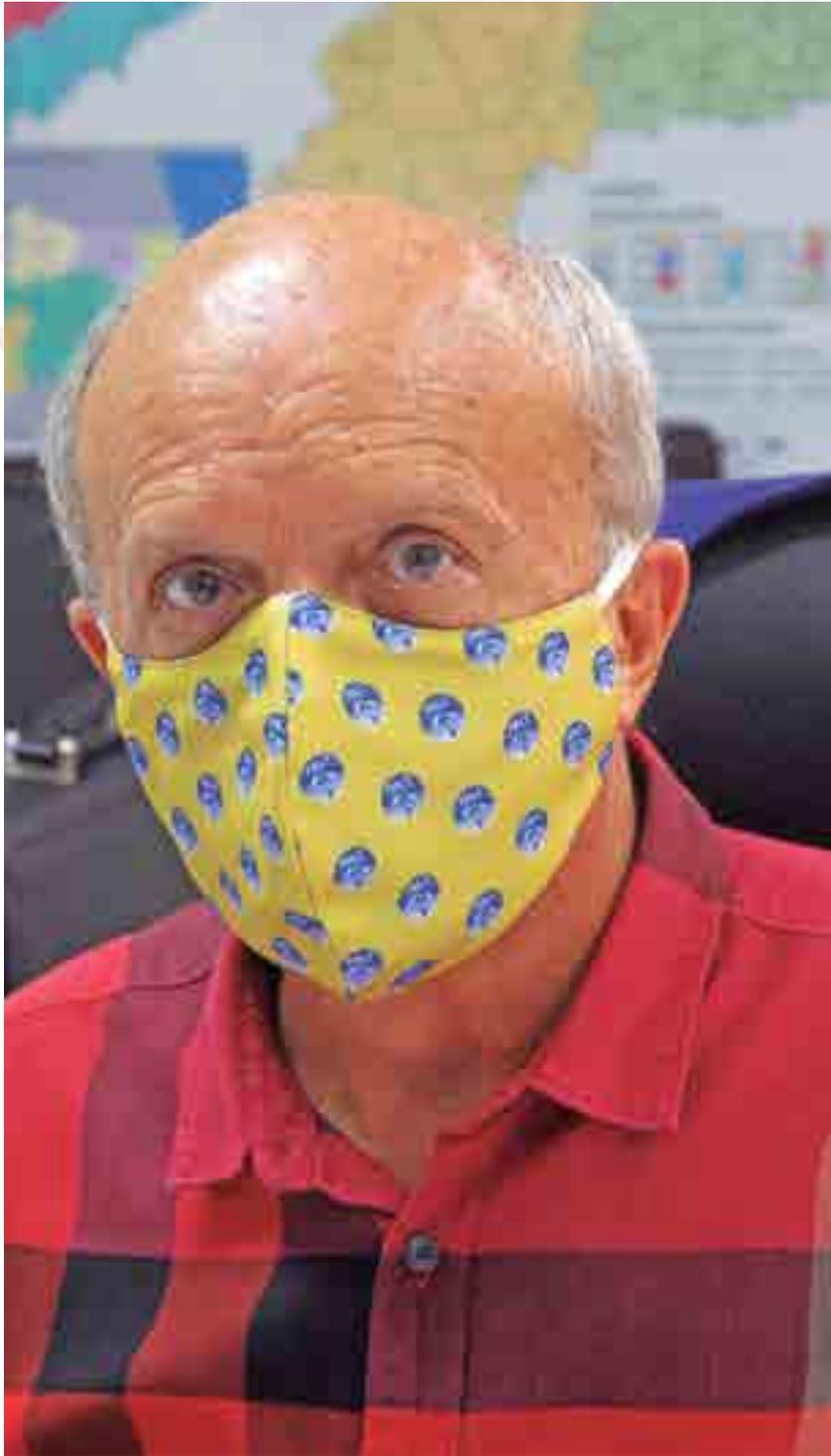
No mundo, a Organização Mundial da Saúde (OMS) alertava que a pandemia estava acelerando e ainda não havia atingido o pico. Mais de 11 milhões de casos tinham sido registrados e 535 pessoas tinham perdido a vida devido à doença. O diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, lembrava, em 7 de julho, que havia demorado 12 semanas para que o planeta atingisse a marca de 535 mil casos no início da pandemia, e apenas naquele último fim de semana tinham sido registrados mais de 400 mil novos casos da covid-19.

Na mesma data, o Brasil atingia a marca que ultrapassava as 1.300 mortes em apenas 24 horas, totalizando mais de 66.800 mortes. O número de infectados passava de 1.670.000. Estava claro que a luta para derrotar o vírus estava apenas no início. Contudo, comparado a outros estados do país e do Nordeste, a Paraíba mantinha a

menor taxa de letalidade por covid-19.

Na segunda quinzena de julho, o governo divulgou que havia um mês que o Estado mantinha o índice mais baixo do Nordeste. Entre as pessoas que contraíram a doença, 2,1% delas tinham ido a óbito. No cenário nacional (que computava mais de 2 milhões de infectados), o Estado ocupava o sexto lugar, ficando abaixo da média do país, que era de 3,8%. A Secretaria de Estado da Saúde (SES) atribui o resultado ao alto número de testagem e à assistência adequada prestada à população paraibana.

O Plano Novo Normal Paraíba seguia com a flexibilização gradual das atividades. No fim de julho (dia 27) passou a ser liberado o funcionamento presencial em bares, restaurantes e academias e assim seguiu-se, com algumas exceções, a retomada, com normas sanitárias e algumas restrições. O comércio esperava incrementar as receitas com as vendas do Dia dos Pais, primeira data comemorativa desde a pandemia a receber os clientes presencialmente.



O secretário Geraldo Medeiros alertou para as aglomerações durante campanha

Em agosto, um levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontou que mais da metade dos paraibanos havia voltado ao trabalho. Neste mês, foi liberado o acesso ao passeio na orla paraibana, houve a ampliação no horário de funcionamento do comércio

varejista e nos transportes públicos aos domingos e feriados; também ocorreu o retorno da música ao vivo individual em restaurantes, bares e similares. Os restaurantes localizados em shoppings ou centros comerciais, que apresentassem área própria de serviço, também passaram a

funcionar até 22h.

A Prefeitura de João Pessoa, nessa quarta etapa do Plano Estratégico de Flexibilização em relação à pandemia do novo coronavírus, determinou oficialmente a suspensão do desfile do Dia 7 de Setembro, dia da Independência do Brasil. Teatros e casas de shows continuaram fechados.

À medida que a rotina ia se assemelhando à realidade vivida antes da pandemia, as pessoas teimavam em ignorar as práticas preventivas. Os feirantes e consumidores não respeitavam a distância necessária entre um cidadão e outro. Nas ruas, as pessoas se aglomeravam, também não usavam corretamente a máscara ou simplesmente não andavam com este item de proteção individual.

Com a aproximação das eleições para prefeitos e vereadores, adiadas para os dias 15 e 29 de novembro, os candidatos desrespeitavam as orientações dos gestores públicos e realizavam convenções partidárias com aglomerações. Os alertas sobre os riscos que a população corria foram repetidamente anunciados por secretários e gestores. "Nós estamos vendo as convenções partidárias com grande número de pessoas, reuniões e eventos com aglomerações e até mesmo festas familiares onde dezenas de pessoas estão reunidas. Todos parecem esquecer que o vírus continua circulando", advertiu o secretário de Estado da Saúde, Geraldo Medeiros, na segunda quinzena de outubro.

Tendência nacional

O temor era que a Paraíba vivesse a tendência nacional, de aumento dos casos. No dia 25 de novembro, o Brasil registrou 620 mortes pela covid-19 em apenas 24 horas, chegando ao total de aproximadamente 170.800 óbitos desde o começo da pandemia. A média móvel de mortes no país em sete dias foi de mais de 470. A variação representou um aumento de 29% em comparação aos 14 dias que antecederam à divulgação dos dados, indicando tendência de alta nas mortes por covid.

Depois de um período de calmaria, países, como os do continente europeu, vivenciavam os efeitos da segunda onda de covid-19. A Espanha totalizava, no final de novembro, 700 mil pessoas contaminadas pela covid-19, com Madri sendo responsável por mais de um terço das internações hospitalares no país. Seguindo decisão do governo espanhol, o ministro da Saúde, Salvador Illa, recomendou um "lockdown" total em Madri a fim de reduzir a propagação do vírus.

A situação na Paraíba pôs em alerta não apenas os gestores públicos, mas também entidades como o Conselho Regional de Medicina da Paraíba que não descartava uma segunda onda de covid no Estado. Uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatística (IBGE), divulgada no dia 1º de dezembro, demonstrou em números o que se via nas ruas e nos postos de saúde. O levantamento apontou que, em julho, 99 mil paraibanos negligenciavam o isolamento social, mas em outubro já eram 265 mil pessoas que ignoravam as medidas protetivas contra o vírus.

Enquanto o mundo se preocupa com os efeitos ou ameaças da segunda onda da covid-19, o Governo Federal ainda defende a maior flexibilização para fomentar a economia. O ministro da Educação, Milton Ribeiro, chegou a determinar a volta das aulas presenciais nas universidades federais, mas,

depois de muita polêmica, recuou e revogou a portaria publicada no dia 2 de dezembro.

Agora, enquanto se articula para trazer a vacina à Paraíba, o Governo do Estado reforça as orientações para que a população esteja atenta às normas sanitárias neste final de ano e evite aglomerações. Os leitos de hospitais para atender covid-19 estão ficando escassos em vários municípios. No Sertão, a ocupação de leitos de Unidade de Terapia Intensiva (UTI) destinados ao tratamento de pacientes infectados chegou a 90%. De acordo com a Secretaria de Estado da Saúde (SES), o percentual é o maior já registrado entre as três macrorregiões estaduais de Saúde desde o início da pandemia. Isso mostra que a chegada da segunda onda é um risco iminente.

Foto: Marcus Antonius



Número de pessoas que negligenciam o isolamento social aumenta a cada mês

A hand wearing a blue nitrile glove holds a digital thermometer. The thermometer's LCD screen displays '35.3'. A red, spiky virus particle is superimposed on the thermometer. In the background, two glass vials with labels are visible. The entire scene is set against a light-colored background with a torn paper effect.

Os impactos da pandemia

A humanidade voltou todas as suas atenções, este ano, aos efeitos do coronavírus e aos estudos que poderiam levar à descoberta de uma vacina



Um ano sem as grandes reuniões familiares no Dia das Mães, sem os tradicionais festejos do Maior São João do Mundo em Campina Grande, sem os desfiles do Dia 7 de Setembro, sem as brincadeiras nas praças no Dia das Crianças, sem procissões das principais festas religiosas, sem a queima de fogos na orla de João Pessoa no Réveillon.

Em 2020, quantos eventos ou abraços nos amigos e parentes tiveram que ser adiados para evitar infecção na pandemia do novo coronavírus? O isolamento social, necessário para conter a proliferação da doença que contaminou cerca de 70 milhões de cidadãos no mundo, cerceou a liberdade de ir e vir e também “roubou” um pouco do calor humano

Foto: Pixabay



O estresse levou muitas pessoas à depressão e a transtornos de ansiedade

das relações interpessoais. De um dia para o outro, o aperto de mão, o abraço e o simples toque tornaram-se um risco à saúde individual e coletiva.

As famílias tiveram que enfrentar a inevitável mudança de plano. O que estava previsto, de repente, foi cancelado ou adiado; cursos, concursos, viagens, ano levito nas unidades educacionais, espetáculos culturais, competições esportivas e tantas outras atividades. O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), por exemplo, passou de novembro para janeiro de 2021, incluindo normas sanitárias e também oferecendo a modalidade digital.

Tudo precisou ser ajustado. Os percalços vividos nos últimos meses trouxeram tensão, tristeza, solidão, insônia, estresse, medo, resultando em mais ansiedade e depressão, um dos problemas mentais mais citados durante a pandemia. Uma pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) mostrou mudanças relevantes no comportamento dos entrevistados

ao longo da quarentena. Das mais de 44 mil pessoas ouvidas, 18% aumentaram o consumo de bebida alcoólica; 22,5% elevaram o consumo de cigarro para 10 unidades diárias; e 5% passaram a fumar pelo menos 20 vezes todo dia. O curioso é que o estudo foi feito em maio, início do isolamento social.

As alterações psicológicas, agravadas ou iniciadas neste período, são uma realidade comprovada também no mercado de medicamentos. Segundo o Conselho Federal de Farmácia, a venda de antidepressivos e estabilizantes de humor cresceu 14% de janeiro a julho deste ano. O número de unidades vendidas saltou de 56,3 milhões de janeiro a julho de 2019 para 64,1 milhões nos sete primeiros meses de 2020.

O contexto preocupou organismos internacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU), que alertou: “A pandemia de covid-19 destaca a necessidade de aumentar urgentemente o

investimento em serviços de saúde mental”. A advertência veio após a análise do relatório de políticas sobre a covid-19 e a saúde mental emitido pelas Nações Unidas.

O documento aponta que grupos populacionais específicos correm um risco particular de sofrimento psicológico relacionado à covid-19. Os profissionais de saúde da linha de frente, confrontados com longas cargas de trabalho, decisões de vida ou morte e risco de infecção, são particularmente afetados. Na China, onde teve origem o vírus, os profissionais de saúde relataram altas taxas de depressão (50%), ansiedade (45%) e insônia (34%). No Canadá, 47% dos profissionais de saúde declararam a necessidade de suporte psicológico. Certamente, o investimento em saúde mental será um dos desafios em saúde pública para os gestores mundiais nos próximos anos. Uma seqüela da pandemia.

Foto: Fotos Públicas



Médicos: esgotamento físico e mental

Economia

A falta de perspectiva de trabalho e renda também tirou o sono dos trabalhadores paraibanos nesta pandemia. Nos primeiros dez meses do ano houve uma perda de 5.586 postos de trabalho, resultado das 106.910 demissões e 101.324 contratações efetuadas. Apesar do déficit, o mês de outubro esboçou uma melhora, com a geração de 1.437 empregos (11.563 desligamentos e 13 mil admissões). Os dados, divulgados em novembro, são do Cadastro Geral de Empregos e Desempregos (Caged).

No Brasil, o cenário não foi diferente neste período. No acumulado de janeiro a outubro, o saldo foi de menos 171.139 postos de trabalho (12.231.462 admissões e de 12.402.601 desligamentos). Mas, assim como na Paraíba, o mês de outubro isoladamente foi positivo, com a criação de 394.989 vagas,

sendo 1.548.628 admissões e 1.153.639 desligamentos.

Os números mostram que, apesar de tentar reagir, a economia sente o baque sofrido desde o início da pandemia. Enquanto os trabalhadores vão perdendo renda, a cesta básica aumenta, retirando ainda mais o poder de compra das famílias. Um dos vilões dos insumos básicos ao longo de 2020 foi o arroz, que acumulou alta de 120% em 12 meses, segundo o levantamento do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) da Universidade de São Paulo (USP).

O reajuste dos alimentos foi um dos impulsionadores da inflação oficial medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), que registrou alta de 0,89% em novembro. Esse foi o pior resultado para o mês desde 2015, e ficou acima das estimativas de 0,78%. Em 12 meses, o IPCA cravou alta

de 4,31%, superando a meta de 4% perseguida pelo Banco Central, e segundo especialistas, deve fechar o ano nesse patamar. No mesmo período, o preço dos alimentos saltou quase 16%.

Em João Pessoa, uma visita aos supermercados mostrou que o arroz subiu 25% da noite para o dia, saindo de R\$ 4,00 para R\$ 5,00. O reajuste, segundo especialistas, se deu por causa da entressafra do grão, além da lei da oferta e da procura. Como o produto é uma commodity, ainda sofreu influência da alta do dólar no mercado.

A moeda americana, assim como outras do mundo, teve que seguir a oscilação do mercado acionário, que opera em aversão a risco. Logo que as mortes por covid-19 começaram a aumentar na China, chegaram os primeiros reflexos nas bolsas de valores. Em janeiro (dia 27), a Europa e Estados Unidos tiveram os maiores recuos percentuais em mais de três meses: Londres, Paris e Frankfurt recuaram 2,5% e

Foto: Fotos Públicas



Nos supermercados, a população sentiu os efeitos da pandemia na economia: preço de produtos como o arroz disparou



A pandemia causou efeitos negativos na economia, aumentando o número de pessoas sem emprego nem renda

Dow Jones e S&P 500, 1,5%. A Nasdaq caiu 1,7% e a Bolsa de Tóquio teve queda de 2%.

A bolsa de valores nacional, B3, apresentou marcas históricas. Em março (dia 12), o Ibovespa recuou 14,78%, a 72.582 pontos, para o patamar mais baixo desde 28 de junho de 2018 (71.766 pontos). Neste mesmo dia, as negociações foram suspensas quando o Ibovespa caiu 11,65%, sendo interrompida novamente, quando apresentou queda de 15,43%, a 72.026 pontos. Então, foi acionado o 2º "circuit breaker" do dia - sistema que interrompe os negócios automaticamente quando a queda supera 15%. Foi a maior queda diária desde 10 de setembro de 1998, quando a bolsa despencou 15,82%, e o mundo lidava com os efeitos da crise na Rússia.

Com o avanço das vacinas contra o novo coronavírus, o cenário vem melhorando. O índice Ibovespa, da B3, por exemplo, encerrou o dia 16 de novembro com o melhor



desempenho desde o dia 4 de março, com alta de 1,63%, a 106.430 pontos.

Em meio a esse cenário de altos e baixos, de incerteza e riscos trazidos pela pandemia, todos os setores e segmentos econômicos do mundo foram atingidos. A indústria vivenciou a falta de insumos, a dificuldade na produção e a redução nas vendas. Ainda não se pode precisar o impacto da pandemia no setor, mas alguns segmentos já arriscam de quanto será o prejuízo. O faturamento da indústria de defensivos agrícolas





O auxílio emergencial do governo levou milhões às filas em agências bancárias

no país, por exemplo, deve fechar 2020 com queda de 12% comparado a 2019, fechando o ano com US\$ 12 bilhões. A estimativa é do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal (Sindiveg).

Um levantamento da Confederação Nacional da Indústria (CNI) mostra que, apesar das fortes quedas no início da pandemia, a produção do setor em setembro superou em 1,1% o índice registrado em fevereiro deste ano, último mês antes da chegada da covid-19 ao país. Em abril, a produção chegou a registrar queda de 31,3% comparado a fevereiro.

O faturamento também vem reagindo. Se no período pré-crise teve queda de 24,6%, em setembro superou em 6,1% o índice atingido em fevereiro. Porém, os indicadores estão abaixo da média de 2019.

No acumulado dos nove primeiros meses do ano, o faturamento teve um recuo de 1,7%, ficando perto de repetir o desempenho do



Poucos turistas arriscaram viajar

mesmo período do ano passado. Por outro lado, a produção amarga retração de 8,2% na mesma comparação. "O faturamento real da indústria certamente registrará um desempenho positivo na comparação do acumulado em 2020 com o de 2019. A produção, no entanto, fechará no vermelho", avaliou o gerente-executivo de Economia da CNI, Renato da Fonseca,

em depoimento registrado no site oficial da Confederação.

As passagens aéreas não passaram ilesas à crise pandêmica. Com as restrições para se transitar entre estados e países, a fim de evitar maior proliferação da covid-19, o número de passageiros nas viagens aéreas caiu fortemente, impactando o turismo

e as empresas de transportes. Na Paraíba, as agências de viagens com atuação no Estado não apresentaram números da retração, mas já esperam prejuízos por causa da queda nas vendas de pacotes de viagens e também devido aos cancelamentos.

A Associação Internacional de Transportes Aéreos (IATA, na sigla em inglês) chegou a estimar que a demanda de passageiros por voos na região da Ásia/Pacífico deveria cair 13% agora no final do ano, o que impactaria US\$ 27,8 bilhões em receitas para as empresas que atuam na região. A Organização Mundial do Turismo previu queda de 70% nas viagens internacionais nos primeiros oito meses de 2020 devido às ações da pandemia.

Para impulsionar a economia e o poder de compra da população que padece com a falta de renda, o ministro da Economia no Brasil, Paulo Guedes, lançou um novo benefício assistencial para os trabalhadores informais. Mas surgiu um impasse de quanto seria o valor

dessa ajuda. Estimava-se inicialmente R\$ 200, mas depois de muitas críticas, o Governo Federal aprovou auxílios mensais de R\$ 600, que começaram a ser pagos em abril, com término previsto para dezembro. Foram cinco parcelas de R\$ 600, mas esse valor foi reduzido para R\$ 300 nas últimas quatro parcelas.

O auxílio emergencial foi concedido a trabalhadores informais, inscritos no CadÚnico, microempreendedores desempregados e inscritos do Bolsa Família. No entanto, no cadastramento digital entrou muita gente que não fazia parte do perfil de beneficiário, estipulado pelo governo. Quem recebeu o dinheiro indevidamente teve ou terá que devolver, segundo o governo.

No país, estima-se que mais de 2,5 milhões de brasileiros que não faziam parte do perfil para receber a ajuda foram incluídos no sistema de pagamento. Na Paraíba, mais de 25 mil servidores públicos encontravam-se nessa situação em julho. A injeção do benefício nos lares ajudou a impulsionar alguns setores como o de serviços, que vem apresentando bons resultados nesse segundo semestre. Na Paraíba, chegou a ter queda de 19,2% em abril, comparado a março, segundo a Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Foi o pior resultado da série histórica da pesquisa, iniciada em janeiro de 2001. Mas em julho, a pesquisa apontou que o setor havia crescido 4,9% no Estado.

O mesmo se pode dizer do comércio. Com as portas fechadas

no período de isolamento social, o quadro no setor não poderia ser outro. Em abril, o comércio restrito (que exclui a venda de automóveis e material de construção) teve recuo de 16,8%, comparado a março, conforme a Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), divulgada pelo IBGE. Foi o pior resultado da série histórica da pesquisa, iniciada em 2001. Na Paraíba, a queda no período foi de 17,7%, sendo o pior resultado do setor no Estado em 20 anos.

Mas com a abertura das lojas, após as medidas de flexibilização nos estados brasileiros, o setor vem demonstrando evolução. Em julho, o comércio varejista nacional apresentou alta de 5,2% frente a junho. No Estado, as vendas em julho tiveram aumento de 19,6%, segunda maior alta do país, ficando atrás apenas do Amapá (34%). Esse foi o maior índice registrado para a série histórica em mais de duas décadas no Estado. Em junho, a Paraíba havia fechado em queda de 1,1%.

A última divulgação da pesquisa foi referente ao mês de outubro, quando o volume de vendas do setor no Estado seguiu crescendo, apresentando a 5ª maior alta do Brasil, com aumento de 2,3%, em relação a setembro.

Esses são apenas alguns reflexos da pandemia na economia mundial e nacional. Enquanto há setores que apresentam recuperação por segmento, como é o caso da indústria, outros ainda amargam prejuízos como as escolas

privadas, cujas famílias tiveram que cancelar matrículas e optar pelo ensino público. No início do próximo ano, os mais pobres não vão poder contar com o auxílio emergencial do Governo Federal.

Com menos consumo, emprego e renda, a cadeia não consegue prosseguir seu curso normal, influenciando também na queda dos tributos estaduais. O que se observa é que uma fatia pequena do mercado conseguiu dá saltos significativos no desempenho. Portanto, não serão poucos os desafios na economia para 2021.

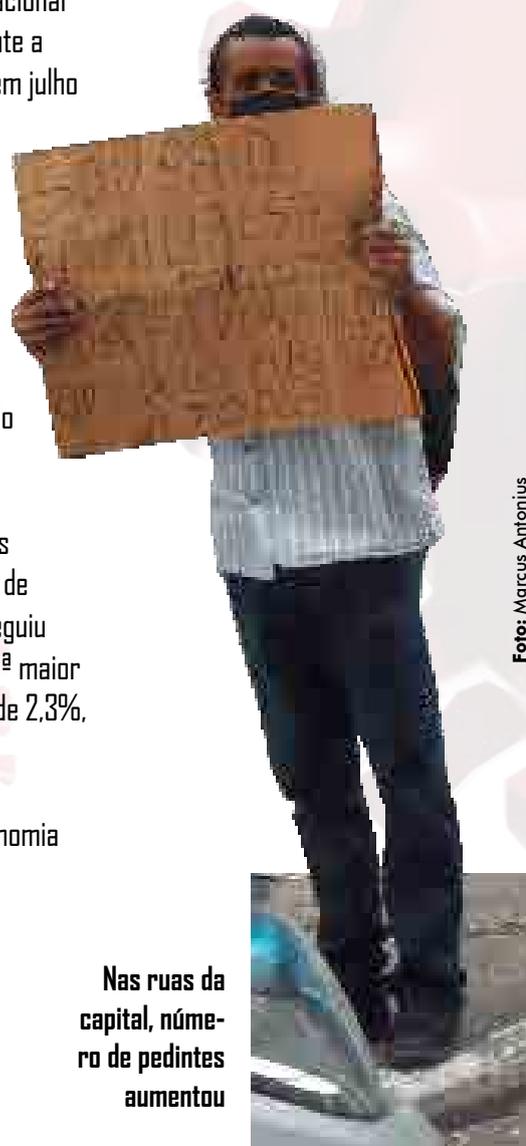


Foto: Marcus Antonius

Nas ruas da capital, número de pedintes aumentou



Fotos: josemarphotopress



Esporte

Mesmo após o retorno, competições esportivas seguem protocolos

Os eventos esportivos não passaram imunes aos reflexos da covid-19. Em ano de Olimpíada, havia um temor de que os Jogos não acontecessem à medida que outros eventos iam sendo cancelados pelo mundo. A Maratona de Boston, por exemplo, deixou de ser disputada pela primeira vez em 124 anos.

A Fórmula 1, que tinha seu início sempre no mês de março, só começou em julho, sem público e com calendário alterado – as provas nas Américas (México, Canadá, Estados Unidos e Brasil) foram canceladas.

No futebol, o impacto foi ainda maior. Competições de seleções previstas para 2020, como a Copa América e a Eurocopa, ficaram para 2021. A Liga dos Campeões e a Taça Libertadores foram interrompidas por alguns meses e, quando voltaram, não tiveram a presença de torcida. O mesmo aconteceu com os campeonatos

nacionais de praticamente todos os países do mundo – algumas exceções na Europa, como na Bielorrússia.

Parecia inevitável que a Olimpíada não sofresse com a covid-19. No dia 24 de março veio o anúncio oficial: os Jogos de Tóquio estavam adiados para 2021. A mudança custou a bagatela de R\$ 10 bilhões aos cofres japoneses.

Entre os milhares de atletas impactados com o adiamento estão dois paraibanos que já têm vaga assegurada em Tóquio: Álvaro Filho, que forma dupla com o capixaba Alison no vôlei de praia; e Netinho Marques, atleta do taekwondo, que tinha acabado de confirmar a classificação no Pré-Olímpico Pan-Americano.

O Campeonato Paraibano foi um dos últimos do país a ser interrompido. No dia 18 de março, a partida entre Botafogo x Sousa, no Almeidão (já sem público), foi a última antes da paralisação

confirmada pela Federação Paraíba de Futebol (FPF) no dia seguinte. A competição ficou parada por quatro meses, sendo retomada em julho para as duas últimas rodadas da primeira fase. Pela primeira vez na história, a decisão do estadual aconteceu sem a presença do torcedor – e justamente num Clássico dos Maiorais entre Treze x Campinense. O Galo foi campeão, mas todos os clubes saíram reclamando das perdas financeiras.

Outras competições acabaram canceladas pela FPF. A segunda divisão e os campeonatos de base não foram realizados em 2020. E o Paraibano Feminino, depois de muita discussão, só aconteceu em dezembro – e assim mesmo com apenas seis equipes, num formato menos, de apenas duas semanas. Em 2021, com a chegada da vacina no mundo, a expectativa é que o calendário siga o previsto.

Reinfecção e ciência

Na reta final da chegada da vacina ao Brasil, é descoberto o primeiro caso de reinfecção pelo novo coronavírus no país. Uma médica, de 37 anos, moradora do Rio Grande do Norte, que trabalha no estado potiguar e na Paraíba. A profissional teve a confirmação das duas contaminações nos meses de junho e, posteriormente, em outubro. A constatação da reinfecção, porém, só foi feita em dezembro. Ambas as análises e confirmações de covid-19 foram feitas pela equipe de saúde da Paraíba e registradas no Ministério da Saúde.

Na última intercorrência, em outubro, as amostras foram coletadas e analisadas pelo Laboratório de Vigilância Molecular Aplicada (Lavimap) da Escola Técnica de Saúde da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em trabalho conjunto com o Laboratório Central de Saúde Pública da Paraíba (Lacen-PB).

O secretário de Saúde do Estado, Geraldo Medeiros, ressaltou a seriedade do trabalho realizado pelos profissionais da Paraíba com relação à investigação e detecção da doença. "A Gerência Executiva de Vigilância em Saúde da Paraíba e o Lacen vêm fazendo um trabalho de investigação intenso desses casos suspeitos em parceria com o Lavimap da UFPB. E isso está sendo possível devido ao novo parque tecnológico do Laboratório

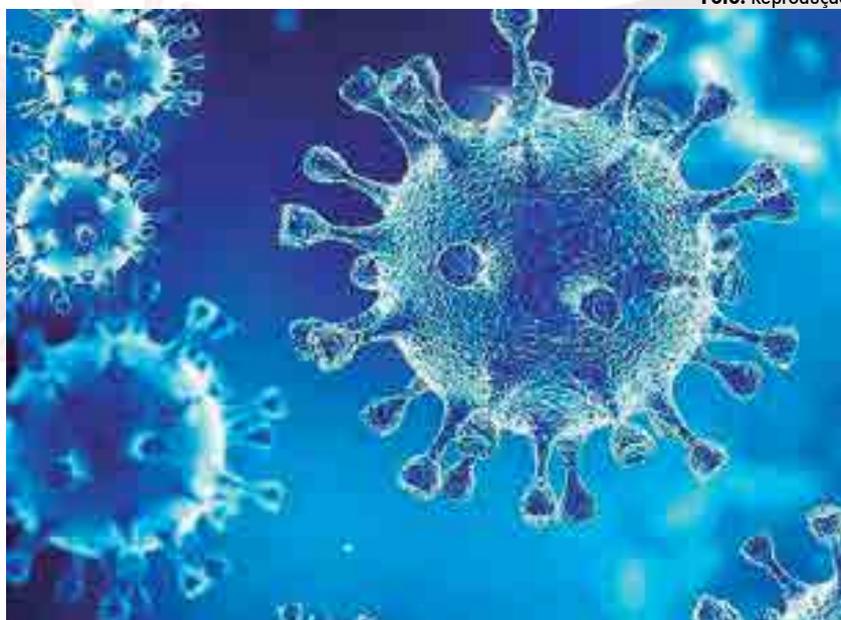
e às novas instalações, além da qualificação dos técnicos do Lacen", afirmou.

O trabalho de pesquisadores e técnicos na Paraíba com foco no novo coronavírus foi muito além da investigação, detecção e registro da doença nos pacientes que apresentavam sintomas de covid-19. Somente na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), centenas de estudiosos se dedicaram somente a assuntos relacionados à pandemia. As pesquisas incluem a descoberta de uma vacina contra o vírus, criação de respirador de baixo custo (equipamento caro, essencial aos pacientes em estado grave), medicamento natural para amenizar os sintomas do vírus no organismo, entre outras.

A maior parte dos 350 grupos de estudos da UFPB atua em trabalhos voltados à covid-19. Na

UEPB, pelo menos 20 projetos nessa área foram postos em prática este ano. Alguns dos trabalhos, como o desenvolvimento de capacetes de ventilação não-invasiva pela UFPB, têm apoio do Estado, através da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq). O capacete pretende realizar ventilação sem precisar fazer a intubação orotraqueal no paciente, reduzindo, por exemplo, a incidência de pneumonia associada à ventilação mecânica. Os trabalhos mostram como a ciência é elemento chave para o bem-estar do ser humano. Foi através do esforço de cientistas de todo o mundo que se chegou, em um curto período, à vacina contra o novo coronavírus. Que a experiência da covid-19 deixe mais esse aprendizado aos gestores públicos, que desvalorizam e não investem na ciência, em todas as áreas do conhecimento.

Foto: Reprodução



Vacinas

Gráfico: Reprodução

FASES DO ENSAIO CLÍNICO

O ensaio clínico é a terceira etapa do processo de pesquisa e desenvolvimento de uma nova vacina.

- 1 PRIMEIRA FASE**
É o primeiro estudo a ser realizado em seres humanos e tem por objetivo principal determinar a segurança da vacina.
- 2 SEGUNDA FASE**
Tem por objetivo estabelecer a sua imunogenicidade.
- 3 TERCEIRA FASE**
É a última fase em estudos antes da obtenção do registro sanitário e tem por objetivo demonstrar a sua eficácia. Somente após a finalização do estudo de fase 3 a obtenção do registro sanitário e que a nova vacina poderá ser disponibilizada em a população.
- 4 QUARTA FASE**
Vacina disponibilizada para a população.

Para informações visitando www.sa.gov.br - Anexo SUSOM/SPB

Foto: Reprodução



Uma britânica tornou-se a primeira pessoa no mundo a ser vacinada contra a covid

buscam comprovar a eficácia e a segurança de tecnologias inéditas, que ajudarão a modernizar as próximas gerações de vacinas no planeta. À medida que estão obtendo o aval dos órgãos reguladores, as doses começaram a ser aplicadas em caráter

emergencial na população e também comercializadas.

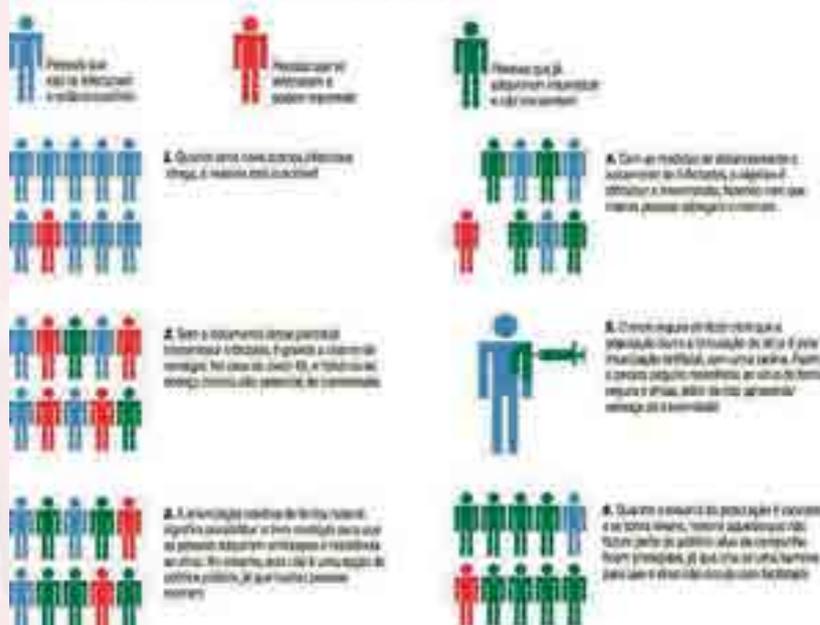
Das quase 200 propostas que estão em testes, conforme a Organização Mundial de Saúde (OMS), 44 chegaram à fase de experimentação em humanos. Desse total, dez atingiram a fase

Foi em um intervalo de tempo jamais visto na história da humanidade que foram descobertas, não apenas uma, mas várias vacinas contra o novo coronavírus. Durante cerca de dez meses, cientistas de diversos lugares do mundo se debruçaram sobre o desafio de encontrar a substância imunizante e alcançaram êxito em um período recorde. Feitas como estes só ocorreram anteriormente após anos de pesquisas.

Além de ágeis, os estudos ainda

Gráfico: Reprodução

Como funciona a imunização em massa



de estudos, que inclui a testagem em humanos. As vacinas mais citadas até agora são as seguintes: Oxford/AstraZeneca; CoronaVac, produzida pela empresa chinesa Sinovac; a americana da empresa Moderna; a BioNtech/ Pfizer/Fosun; e a da empresa chinesa CanSino; e a da farmacêutica estatal chinesa Sinopharm.

O primeiro país ocidental a imunizar a população com a vacina cuja eficácia foi reconhecida internacionalmente foi o Reino Unido, que disponibilizou, no dia 8 deste mês, 800 mil doses da vacina desenvolvida pela farmacêutica norte-americana Pfizer, e pela empresa alemã de biotecnologia BioNTech. Margaret Keenan, uma britânica de 90 anos, tornou-se a primeira pessoa no mundo a receber a vacina da Pfizer contra a covid-19, fora de um ensaio clínico. Mas para se atingir a eficácia prevista de 95%, ela ainda precisa receber a segunda dose.

Anteriormente, em setembro, o Ministério da Saúde da Rússia havia liberado para o país a chamada Sputnik V. Apesar de ser considerada segura pelos russos, a vacina não havia passado pela terceira parte dos testes. Por isso, ela não recebeu tanta credibilidade como a da Pfizer.

No Brasil, ainda não há data para que o plano nacional de imunização contra covid-19 do Governo Federal comece a ser posto em prática. Mas no estado de São Paulo as doses já estão sendo produzidas. Isso porque, enquanto o governador paulista João Doria avançava com as negociações para trazer a chinesa CoronaVac e imunizar todas as pessoas do Estado, o presidente Jair Bolsonaro emitia



O Instituto Butantan vem desenvolvendo e testando a CoronaVac em parceria com a China

críticas quanto à eficácia da vacina.

Insatisfeitos com a falta de tomada de decisão do Governo Federal para aquisição das doses e divulgação do calendário vacinal, governadores e prefeitos de vários estados brasileiros se reuniram, no dia 8 deste mês, com o ministro da Saúde, Eduardo Pazuello. O governador da Paraíba, João Azevêdo, participou do encontro por videoconferência. Na ocasião, os gestores cobraram um plano coordenado e nacional de imunização. Após o encontro, Pazuello garantiu que o país incluirá todas as vacinas aprovadas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) no calendário de imunização, porém, não definiu data para o início da vacinação.

A CoronaVac, criticada pelo presidente Bolsonaro, é a vacina desenvolvida e testada pela chinesa Sinovac Life Science, em parceria com o Instituto Butantan, de São Paulo. A previsão do Butantan é que um milhão de doses sejam produzidas por dia. E o governador Doria já sinalizou que vai oferecer 4 milhões de doses a outros estados.

A primeira brasileira a ser imunizada contra a covid-19, recebeu a dose no Reino Unido no dia 08. Maria Lúcia Possa é pesquisadora no Hospital Universitário Royal Free, de Londres, e faz parte do grupo de risco, por isso foi incluída na primeira etapa de imunização.

Vacinação na Paraíba

O governador João Azevêdo anunciou, no último dia

14, que a Paraíba já tem um plano de imunização, e o secretário Geraldo Medeiros previu para fevereiro o início da vacinação no Estado.

Memorial

Na Paraíba, será criado o Memorial Covid-19, em homenagem às vítimas da doença e aos profissionais envolvidos no enfrentamento à pandemia do novo coronavírus no Estado. O Memorial, aprovado em sessão remota pela Assembleia Legislativa da Paraíba, deverá ser organizado e disponibilizado de forma digital no site oficial do

Educação e Segurança

Os estudantes das escolas públicas e privadas de todos os níveis de escolaridade também tiveram de se adaptar durante a quarentena. As aulas presenciais foram suspensas para evitar maior proliferação do coronavírus e foi adotado, não só na Paraíba mas em todo o mundo, o ensino remoto.

Na Paraíba, mais de 13 mil professores foram capacitados para se adequarem à nova modalidade de ensino. Para promover o contato direto entre estudantes, professores e gestores, a Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia ofereceu a plataforma online Paraíba Educa, que reúne todas as informações sobre o Regime Especial de Ensino, assim como os recursos educacionais, documentos legais e pedagógicos norteadores.

Além da plataforma Paraíba Educa, também foram utilizados os recursos Google Classroom, videoaulas, redes sociais e material impresso. O secretário de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia (SEECT-PB), Cláudio Furtado, afirmou que aproximadamente R\$ 90 milhões foram investidos no ensino este ano, abrangendo plataformas digitais, capacitação de pessoal, videoaulas, entre outras ações.

O resultado foi a alta receptividade dos estudantes e professores ao ensino remoto, que chegou perto dos 90%. “Para quem não teve acesso às ferramentas digitais, ainda fizemos a entrega do material impresso”, acrescentou o secretário.

Sobre a expectativa do modelo de ensino que será adotado em 2021, Cláudio Furtado afirmou que o ano letivo deverá iniciar no modelo híbrido, mas esse processo será avaliado e pode ser revisto, à medida que a vacinação vá acontecendo no Estado.

“No começo do ano, vamos começar a vacinar, mas até que se chegue à imunização de grande parcela da população, teremos que tomar alguns cuidados. Questões como o uso de máscara e outros itens de segurança devem se manter. O ensino híbrido deve existir até que tenhamos uma imunização em massa”.

O secretário declarou que, apesar dos grandes desafios impostos pela pandemia, a área da educação no Estado recebeu melhorias na parte de capacitação de pessoal, na infraestrutura das escolas e adoção de projetos que só estavam previstos para os próximos anos. Um exemplo foi a implantação de novas ferramentas no sistema de aprendizagem. Algumas delas vão fazer parte da rotina permanente dos estudantes. “Apesar dos desafios, aprendemos a usar novas ferramentas, nos reinventamos. Queria frisar a grande dedicação dos professores na preparação das videoaulas. A TV Paraíba Educa veio para ficar. Vamos continuar com ela, mesmo depois da pandemia. Os avanços foram enormes”.

UFPB

Simultaneamente às mudanças adotadas no ensino durante a pandemia, a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) elegeu em 2020 o novo reitor. Mas o resultado, até hoje, é motivo de protesto e controvérsia por parte da comunidade universitária.

A consulta eleitoral ocorreu de forma remota e os três candidatos escolhidos para compor a lista tríplice, que seria levada ao Ministério da Educação (MEC), foram: Terezinha Domiciano (47); Isac Medeiros (45 votos) e Valdiney Gouveia (nenhum voto). A lista tríplice foi encaminhada

ao MEC no dia 11 de setembro, uma vez que cabe ao presidente da República indicar quem deve ocupar o cargo de reitor. A expectativa era que a chapa encabeçada por Terezinha Domiciano fosse a escolhida, já que ela havia sido a mais votada. Mas não foi isso o que aconteceu. Bolsonaro optou por Valdiney Gouveia, gerando protestos por parte de estudantes e funcionários.

Um grupo de manifestantes chegou a acampar em frente à porta principal do prédio da Reitoria.

Combate ao crime

A pandemia não impediu que as ações de segurança e combate ao crime seguissem seu curso na Paraíba. Somente nos primeiros nove meses do ano houve redução de 18% no número de roubos e furtos de veículos e queda de 26% na incidência de crimes violentos patrimoniais no Estado, segundo relatório divulgado pela Secretaria de Segurança e Defesa Social.

Neste período, mais de 2.600 armas de fogo foram capturadas e cerca de 12.600 pessoas presas, sendo 1.733 por crimes graves. O número de Operações de Prevenção e Repressão Qualificadas superou a marca das 4.600 e cerca de 2.500 veículos roubados foram recuperados.

Pelo menos três mil quilos de entorpecentes foram apreendidos este ano. Uma das ocorrências que chamou a atenção foi a descoberta de mais de 750 quilos de cocaína, que estavam sendo transportadas em um avião no dia 9 de dezembro. O avião havia saído de Sorocaba, interior de São Paulo, e pousado no aeródromo da cidade paraibana de Catolé do Rocha, alto Sertão. A polícia prendeu os quatro homens que estavam na aeronave.

R e t r o s p e c t i v a 2 0 2 0 n a Política

Jorge Rezende
jorgerezende.imprensa@gmail.com

O mundo está mesmo globalizado. A síntese do que ocorreu no campo da política no ano de 2020 no mundo, no Brasil e na Paraíba nunca foi tão concentrada em torno de apenas dois temas: eleições e pandemia do novo coronavírus, que provoca a covid-19. Na verdade mesmo, o assunto no último ano da segunda década do século XXI se concentrou na covid-19, pois a política foi – e será nos próximos anos – apenas um componente do enfrentamento das crises sanitária e econômica. No caso de alguns países, onde o Brasil se inclui, ainda se somou uma crise institucional provocada por um governo central negacionista.

O Brasil realizou em 2020 talvez uma das mais difíceis eleições de sua história. Em meio a uma pandemia, a Justiça Eleitoral enfrentou um desafio antes jamais imaginado. Houve adiamento das eleições municipais, embasado no trabalho de uma comissão médica formada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) com a parceria de vários especialistas (sanitaristas e epidemiologistas) e biólogos; e a necessidade do Plano de Segurança Sanitária das Eleições 2020, com todos os procedimentos e protocolos destinados à proteção de mesários, eleitores, candidatas

e colaboradores da Justiça Eleitoral.

Isso tudo somado ao fato de a Justiça Eleitoral ter enfrentado a avalanche de notícias falsas. Além do Programa de Enfrentamento à Desinformação com Foco nas Eleições 2020, foram assinados também alguns convênios importantes com as principais plataformas, como Twitter, Tik Tok, Google, Facebook e Instagram, e com nove agências de checagem, e assinadas parcerias com as empresas de telefonia, para o combate às fake News.

Mesmo diante de um cenário

No ano em que o mundo parou, a política permaneceu acelerada

País realizou em 2020 uma das mais difíceis eleições de sua história e, em meio a uma pandemia, a Justiça Eleitoral enfrentou um desafio antes jamais imaginado

desfavorável, as Eleições 2020 ocorreram no Brasil de forma satisfatória. Milhões de brasileiros foram às urnas nos dois turnos das eleições para escolher seus prefeitos e vereadores para os próximos quatro anos. É fato que a abstenção foi grande, chegando a quase um terço do eleitorado apto a votar. Mas o pleito foi realizado e consolidou o sistema eleitoral brasileiro, apontado como um dos mais modernos e seguros do planeta.

Em resumo, em todo o país o MDB continuou com o maior número de prefeituras. O partido,

porém, elegeu 260 prefeitos a menos em comparação a 2016 (caiu de 1.044 para 784). O Progressistas (PP) e o PSD elegeram 685 e 654 prefeitos, respectivamente. Ambos registraram alta em relação a 2016. O Democratas (DEM) foi a sigla que mais cresceu em números absolutos na comparação com quatro anos atrás. O número de prefeituras pulou de 268 para 464, o que equivale a uma subida de 73%. Desse total, quatro são prefeitos de capitais.

O PSDB obteve 520 prefeitos eleitos. Nas grandes cidades (aquelas com mais de 200 mil eleitores), PSDB, MDB, DEM e PSD vão administrar o maior número de prefeituras. Considerando a variação percentual, as legendas que mais cresceram foram Avante (583%), Patriota (277%), Podemos (240%) e PSL (200%). Por outro

lado, as maiores baixas ficaram com siglas que conquistaram apenas uma única prefeitura: PTC (-94%), DC (-88%) e PMB (-67%).

Em números absolutos, os partidos que mais perderam prefeituras foram PSDB (-279), MDB (-260) e PSB (-155). O PT, que ocupou a Presidência da República de 2003 a 2016, registrou mais uma queda. Em 2016, o PT conseguiu 254 prefeitos. Agora foram 183 prefeituras, o equivalente a uma redução de 28%. Esses números não consideram os candidatos a prefeito "sub judice", que aguardam julgamento da Justiça Eleitoral. Houve 102 disputas nesta situação no 1º turno e duas no 2º turno. Na Paraíba, foram três cidades: Gado Bravo, Cachoeira dos Índios e Princesa Isabel.

Ainda na Paraíba, nos dois principais colégios eleitorais, foram eleitos Cícero Lucena

(Progressistas) em João Pessoa, que no segundo turno enfrentou e derrotou o radialista Nilvan Ferreira (MDB); e Bruno Cunha Lima (PSD), em Campina Grande, que liquidou a disputa logo no primeiro turno, com a aprovação de cerca de dois terços dos eleitores campinense.

Pelo mundo, das eleições ocorridas em vários países em meio a uma das maiores pandemias enfrentadas pela humanidade, o destaque ficou com as eleições presidenciais nos Estados Unidos, onde o democrata Joe Biden derrotou o republicano – e negacionista – Donald Trump. Já no Chile, o que marcou foi a aprovação por meio de um plebiscito de uma nova constituição do país, enterrando de vez o atual documento que ainda era da época da ditadura do golpista Augusto Pinochet.

Mortes pela covid-19

A pandemia do novo coronavírus não só fez parte da vida política ao redor do planeta em 2020 como registrou a morte de centenas de políticos pelo mundo. No Brasil, centenas de homens e mulheres com vida pública na política morreram diagnosticados pela covid-19.

A doença infectou vereadores, prefeitos, deputados, líderes de movimentos sociais e de classe,

sindicalistas, senadores, governadores, secretários, ministros, magistrados e até mesmo o presidente Jair Bolsonaro (sem partido), que passou o ano de 2020 negando a gravidade do novo coronavírus, pregando o uso errôneo da cloroquina, desafiando o distanciamento social, não preparando o país para uma vacinação em massa, indo de encontro aos gestores

municipais e estaduais e insistindo que a covid-19 "não passava de uma gripezinha".

Na Paraíba, a covid-19 atingiu dezenas de políticos e alguns não resistiram e morreram por complicações provocadas pela doença, a exemplo do prefeito da cidade de Guarabira, Zenóbio Toscano (PSDB), e do casal de políticos Wilson (ex-governador) e Lúcia Braga (ex-deputada), ambos do MDB.

O b i t u á r i o

01/01/2020 – Amenemar Tenório de Barros, artista plástico, decorador, compositor, instrumentista e escritor.

03/01/2020 – Barbosinha (Sebastião Barbosa), jornalista.

13/01/2020 – Hermes de Oliveira Filho, músico e político.

19/01/2020 – Jangada (Luiz Carlos Alves Oliveira), jogador de futebol.

26/01/2020 – Júlio Paulo Neto, desembargador.

02/02/2020 – Fernanda Benvenutty (Elizário Benvindo da Silva), enfermeira, militante dos direitos humanos e do movimento LGBT+, ativista social e cultural, política e carnavalesca.

11/02/2020 – Unhandeijara Lisboa (Nandi), artista plástico, jornalista, fotógrafo, escultor e gravador.

11/02/2020 – Babi Paiva (Abelardo Cavalcanti de Paiva), músico instrumentista.

24/02/2020 – Marcus Odilon Ribeiro Coutinho, historiador, escritor, advogado, empresário e político.



Foto: Reprodução

01/03/2020 – Socorro Elói (Maria do Socorro Diniz Elói), jornalista e radialista.

07/03/2020 – Bola (Raimundo Nonato Batista Filho), carnavalesco.

07/03/2020 – José Florêncio de Lima (Zé Lima), político.

08/03/2020 – Paulo Paiva, administrador e político.

09/03/2020 – Carlos César, jogador de futebol.

09/03/2020 – José Eduardo Belarmino Alcoforado, engenheiro e empresário.

10/03/2020 – Ednaldo Lucena, ator.

21/03/2020 – Maria Avani Rego, radialista.

22/03/2020 – Marcello Piancó, humorista, publicitário, radialista e jornalista.



Foto: Reprodução

22/03/2020 – Valdir Teles, poeta repentista.

30/03/2020 – Mateus Zerbone Carlos, publicitário e dirigente de futebol.

30/03/2020 – João Coragem, político.

09/04/2020 – Levi Borges de Lima, jornalista, advogado, sindicalista, professor, político e defensor público.

13/04/2020 – Francisco Remígio de Araújo (Chico Remígio), advogado e comunicador.

14/04/2020 – Dom Aldo di Cillo Pagotto, religioso.



Foto: Ortilo Antônio

19/04/2020 – Índio (Aluísio Francisco da Cruz), jogador de futebol.

24/04/2020 – João Claudino Fernandes, empresário.
07/05/2020 – Wills Leal, jornalista, professor e escritor.
08/05/2020 – Antônia Lúcia Navarro Braga, assistente social e política.

09/05/2020 – José Walter Vieira Cartaxo, jornalista,

radialista, administrador e bacharel em Direito.

12/05/2020 – Walter Mendonça da Silva Porto, procurador de Justiça.

13/05/2020 – José Belarmino de Souza, defensor público.

17/05/2020 – Wilson Leite Braga, advogado, empresário e político.

Foto: Orfilo Antônio



21/05/2020 – Pedro Adelson Guedes dos Santos, advogado e político.

24/05/2020 – Dinaldo Medeiros Wanderley, advogado, economista, empresário, jogador de futebol e político.

28/05/2020 – Assis Nóbrega, optometrista e coordenador de trabalhos voluntários.

28/05/2020 – Joaquim Claudino Sobrinho, engenheiro e empresário.

29/05/2020 – Célio Taveira, jogador de futebol, empresário e comentarista esportivo.

07/06/2020 – Hermúgenes Bonfim, empresário.

07/06/2020 – José Everaldo da Silva, empresário e administrador.

10/06/2020 – Sebastião Bezerra de Soares (Tião), político.

11/06/2020 – Raimundo Nunes Pereira, administrador, consultor empresarial e gestor público.

14/06/2020 – Ricardo Passos, médico.

14/06/2020 – Zenóbio Toscano, engenheiro civil, administrador e político.

16/06/2020 – Nivaldo Manoel, empresário e político.

19/06/2020 – Manoel Paulino, desembargador.

22/06/2020 – Marcos Tavares (Severino Marcos de Miranda Tavares), jornalista, escritor, poeta e dramaturgo.

Foto: Reprodução



27/06/2020 – Adelson Barbosa dos Santos, jornalista.

28/06/2020 – Eduardo Araújo, advogado, colunista e dirigente de futebol.

28/06/2020 – João de Souza, comunicador esportivo, radialista e jornalista

02/07/2020 – José Ribeiro Agra Filho (Deda Ribeiro), político e agente administrativo.

05/07/2020 – Cícero Nascimento de Andrade, político.

06/07/2020 – Geslau da Costa Gadelha Filho (Costinha), político e empresário.

06/07/2020 – Terluiz Baracuh Cruz, político.

07/07/2020 – Iveraldo Lucena da Costa, professor, escritor e gestor público.

12/07/2020 – José Duarte Irmão (Josa), político.

12/07/2020 – Ivo Maia, artista plástico, poeta, militante ambiental e ator.

14/07/2020 – Inaudete Amorim, cantora, publicitária, jornalista e radialista.

16/07/2020 – Manoel Batista Chaves Filho (Manoel da Lenha), político.

18/07/2020 – Humberto Freire (Beto Balanço), radialista e cronista esportivo.

19/07/2020 – Genival Matias de Oliveira Filho, empresário e político.

21/07/2020 – Pinto do Acordeon (Francisco Ferreira Lima), cantor, compositor e político.

Foto: Orfilo Antônio



Foto: Reprodução



22/07/2020 – Maria das Neves do Egito de Araújo Duda Ferreira (Nevita), professora, promotora e desembargadora.

25/07/2020 – Vanuza Ramos, jornalista.

26/07/2020 – Vinício Tavares de Melo, empresário.

28/07/2020 – Manoel Dantas Vilar Filho (Manelito Dantas), empresário e engenheiro agrônomo.

30/07/2020 – Clemilde Torres Pereira da Silva, professora, arquivista e escritora.

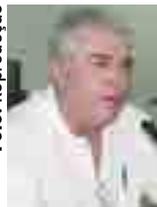
31/07/2020 – José Arnaldo Silva (Arnaldo da Clipsi), jornalista e radialista.

31/07/2020 – Kamilo Faion, cantor.

01/08/2020 – Marcos Aurélio Barros, médico cardiologista e professor universitário.

06/08/2020 – Geraldo Arnaud de Assis Júnior (Doutor Geraldinho), médico e político.

Foto: Reprodução



08/08/2020 – Fábio Tadeu Alcantara Guimarães, pesquisador.

14/08/2020 – Armando Carmelo

da Nóbrega, jornalista e escritor.

14/08/2020 – Juraci Pedro Gomes, dirigente esportivo, procurador e político.

Foto: Reprodução



19/08/2020 – Gustavo Adolfo Andrade de Sá, engenheiro civil e administrador público.

24/08/2020 – Pedro Bandeira de Caldas, poeta repentista.

24/08/2020 – Lourdinha Dantas, servidora pública, sindicalista e política.

25/08/2020 – Gessner Agra Cariri Caetano, empresário, médico e político.

27/08/2020 – Lautônio Loureiro Cavalcante, médico.

27/08/2020 – Djaci Cavalcanti de Arruda, político.

28/08/2020 – José Carlos Vidal, político.

31/08/2020 – Humberto Lira, jornalista.

Foto: Reprodução



04/09/2020 – Reginaldo Dionízio da Silva (Régis do

Ponto de Cem Réis), gazeteiro e jornalista.

08/09/2020 – Karina Paula Araújo, jornalista.

13/09/2020 – Geraldo Correia (Geraldo Bispo Antero), sanfoneiro.

18/09/2020 – Márcio Justino da Nóbrega, jornalista.

19/09/2020 – Maria de Fátima Cartaxo, médica geriatra.

21/09/2020 – Severino Paulo, poeta, repentista e radialista.

22/09/2020 – Abdoral do Pandeiro (Manoel Feliciano de Brito), músico e ex-jogador de futebol.

22/09/2020 – Carlos Bascaran, padre missionário comboniano.

04/10/2020 – Beto (Roberto) Palhano, radialista e ativista do movimento negro.

05/10/2020 – Ricardo Prado, jornalista, professor de Educação Física e dirigente esportivo.

Foto: Reprodução



11/10/2020 – Maria do Socorro Marques, economista, contadora, servidora pública e política.

Foto: Reprodução



12/10/2020 – Armando Abílio Vieira, médico, político e radialista.

15/10/2020 – José Damião Marçal, delegado de polícia e político.

Foto: Reprodução



19/10/2020 – Klécio Bezerra, designer gráfico.

22/10/2020 – Zé Moraes (José Emílio de Moraes), poeta repentista e escritor.

28/10/2020 – Geraldo Camilo, médico e político.

29/10/2020 – Manoel Everaldo, empresário.

30/10/2020 – Paulo Bonavides, professor, jornalista, constitucionalista e jurista.

31/10/2020 – Jorge Menezes, político.

06/11/2020 – Everaldo Dantas, jornalista e radialista.

07/11/2020 – Paulo Feitosa, radialista.

17/11/2020 – Abraão Alves de Carvalho, professor e dirigente classista.

18/11/2020 – Aluizio Lopes de Brito, psicólogo e dirigente classista.

18/11/2020 – Roberto Pinto, médico oftalmologista e empresário.

19/11/2020 – José Araújo, radialista e servidor público.

20/11/2020 – Zé Rui, atleta e jogador de futsal.

25/11/2020 – Francisca Santa Nóbrega Oliveira, política.

30/11/2020 – Cosme Gonçalves de Farias, político.

02/12/2020 – Francisco Henrique da Silva (Chiquinho das Cajazeiras), violeiro.

02/12/2020 – Dráuzio Rodrigues Macêdo, sindicalista e assessor parlamentar.

Foto: Reprodução



08/12/2020 – Antônio Augusto Farias de Albuquerque (Pinguim), radialista e bacharel em Direito.

08/12/2020 – Maria Augusta Capistrano, política e ativista do movimento feminista.

Foto: Reprodução



Foto: Reprodução



09/12/2020 – Expedito Pereira de Sousa, político, médico gastroenterologista, clínico-geral e biólogo.

09/12/2020 – Kerly Carneiro, psicólogo e pastor evangélico.

10/12/2020 – Edmilson Gomes de Souza (Doutor Edmilson), político e médico.

12/12/2020 – Alexandre Nunes, jornalista.

Foto: Reprodução



12/12/2020 – Geraldo Paulino Terto, político.

13/12/2020 – Zé Calixto (José Calixto da Silva), músico, compositor e instrumentista.

Foto: Reprodução



16/12/2020 – Francisco Mathias Rolim (Chico Rolim), político

Foto: Reprodução



R e t r o s p e c t i v a 2 0 2 0 n a Cultura

Audaci Junior
Editor de Cultura

O leitor “invisível” é exigente

Há quem faça jornalismo pensando em um leitor específico ou até imaginário.

Não falo de ter a sua Calíope pessoal ou exercer a fantasia para erguer um ser do barro da massa cinzenta da sua cabeça. Ou até escrever pensando no que o entrevistado vai pensar ou ainda o que os superiores vão avaliar para se convencer de que vale a pena ter seu sangue, suor e lágrimas na batalha diária de um jornal. O compromisso é outro.

Vivendo na época de *fake news* (ela sempre estava ao redor, mas não com esses estrangeirismos e anabolizada pelas redes sociais) e de neologismos como o “pós-verdade”, devemos ter sim um leitor para pensar em pautar, editar e escrever as matérias, assim como ser o mais honesto e correto para nunca perder o foco da ética e imparcialidade que analisamos apenas na teoria nas universidades, mas aprendemos a valorizar para valer no batente, na

chamada “universidade da vida”, no dia a dia de uma redação.

Com isso, o caderno de cultura do jornal **A União** é moldado para ser bem mais que um espaço informativo. Ele necessita trazer à luz a cultura marginalizada, ouvir democraticamente desde o mecenas em uma galeria de arte até o grafiteiro que tem como moldura os muros da rua. Do rapper que lança o single na internet até o maestro que rege uma orquestra ao vivo em um luxuoso teatro. Da romancista premiadíssima doutora em Escrita Criativa até o repentista analfabeto, mas que é detentor de uma sabedoria que muitos “doutores” desconhecem. De um cantor de brega até uma cantora lírica internacional. Mesmo não fazendo distinção



Foto: Reprodução

de crença, nacionalidade, cor de pele, ideologia, gênero, formação ou casta social, nós temos que fazer valer mais as vozes e as manifestações dos excluídos.

Não é apenas em datas comemorativas que devemos focar em algo que todos eventualmente estão pautando. É de orgulhar quando um paraibano fica em evidência. Como também é de se orgulhar quando sai uma capa com uma mulher negra, da periferia; ou uma artista trans que expõe seu ponto de vista da sociedade sem papas na língua; ou ainda uma poetisa surda que declama com as mãos e que responde com tanto entusiasmo uma entrevista como se inspira nos seus versos silenciosos. Imagine: o quanto essas pessoas, esses seres humanos vão servir de inspiração

para outros, inclusive na formação de caráter.

Se o jornal pode formar leitores, ele também pode ajudar os mesmos a refletir atitudes, a mudar a opinião ou a solidificar cada vez mais o que acredita.

Eu, como editor que “estou”, acredito que pode haver espaço para a arte popular, a arte erudita, a “armorial”, a arte como mudança social ou simplesmente como força motriz para honrar sua profissão, seu lugar em um mundo que, quase que de repente, deu uma guinada com a crise sanitária.

Quantas vezes escrevemos “crise sanitária” (neste texto já se vão duas...), “pandemia”, “novo normal”, “covid-19”, “quarentena”, “isolamento social”, “novo coronavírus”. É certo: meus dedos vão automaticamente escrevendo este parágrafo.

Porém, o que não se deu de forma automática foi o se “reinventar” (outra palavra que faz calejar os dedos). Se nos compadecemos com os artistas que tiveram seu público “sequestrado” para um bem maior (e justo, vale sempre frisar), o Jornalismo também teve que se adaptar. Teatros, salas de cinema, lonas, a rua e tantos equipamentos culturais de portas fechadas. Entretanto, um admirável mundo novo para se explorar: o palco virtual. Enorme. Cheio de novas possibilidades. Pior é saber que tudo isso já estava aqui, mas estava sem “aglomeração remota”, sem um público em potencial. É como o bom e velho palhaço veterano desaprender a pedalar o seu monociclo. Artistas e

jornalistas tiveram que reaprender a exercer as suas funções sem abandonar aquele leitor “invisível” que quer saber mais, quer aprender mais, quer ser uma pessoa melhor.

Olhando pelo retrovisor deste ano atípico, percebo que o caderno de Cultura cumpriu o seu papel de colocar os excluídos em evidência, provocar uma reflexão não apenas no entrevistado, mas no leitor quando aquela pergunta lapidada entre editor e repórter foi feita e a resposta obtida, tirado do esquecimento aquela pessoa que foi tão importante para o seu seguimento, e aquela matéria ter ficado tão completa e direta que vai chamar a atenção tanto do advogado quanto do gari que recolhe o pedaço de jornal do chão para ler; tanto do político que carrega o destino de uma comunidade na pena da sua decisão de uma licitação quanto o feirante que vai enrolar o peixe com o jornal no fim de semana e aproveita para dar uma espiadinha na charge do dia e acaba sendo seduzido por uma página bem diagramada porque ela foi pensada para tal. Todas essas pessoas são importantes para quem escreve para um jornal. Inclusive você, leitor, que está me lendo agora.

Não vamos esquecer, em recapitulação, da preservação da memória: nunca esquecer de nomes como o Mestre Sivuca (1930-2006) na música, Lourdes Ramalho (1920-2019) e Paulo Pontes (1940-1976) no teatro, Flávio Tavares nas artes visuais, e José Américo de Almeida (1887-1980) e Maria Valéria Rezende

na literatura, Linduarte Noronha (1930-2012) no cinema, José Costa Leite no cordel, e Celso Furtado (1920-2004) no desenvolvimento econômico e cultural. Só para citar alguns, que nasceram ou “se fizeram” paraibanos por suas obras verem a luz pela primeira vez nestas terras.

Nosso papel é resgatar, refletir, documentar e preservar todos que fizeram, fazem e vão fazer pela cultura do Estado. Para o leitor de agora e o pesquisador de amanhã.

Tentamos sempre fazer nosso melhor, sem pensar em falhar. Pois o leitor “invisível” é exigente. É muito exigente.

Para saber: o leitor “invisível” também sou eu, que tento me pôr no lugar de quem recebe as notícias deste jornal. O leitor “invisível” somos todos nós. Apenas saiba que lutamos cada dia por um Jornalismo mais democrático, ético e imparcial.

Parece muito bonito aqui, neste texto, mas é uma batalha infinita, pois lutamos sempre para existir uma edição de amanhã, independente de vírus ou de isolamento. A melhor possível. A mais imparcial e democrática possível.

Não sei se isto terminou sendo uma retrospectiva satisfatória, contudo não foi uma “vazia”. O jornalista tem que se lembrar sempre que não é o intelectual que sabe de tudo e tem as respostas na ponta da língua. O bom jornalista é aquele curioso, que tem sensibilidade, que questiona tudo. Inclusive se está sendo um bom jornalista para os milhares de leitores “invisíveis” por aí...

R e t r o s p e c t i v a 2 0 2 0

Lançamento de livros

A pesar da pandemia, a produção da Editora A União foi bastante intensa ao longo de 2020. Entre os lançamentos, a coletânea de crônicas 'Espelhos de Papel'; a trilogia 'Celso Furtado: a esperança militante', 'Celso Amorim: Entre Virtudes e Vocações', obra que traz prefácio do ex-presidente Lula; 'Chã dos Esquecidos', que reúne textos inéditos a respeito da obra da dramaturga Lourdes Ramalho (cujo centenário foi celebrado em agosto) e 'O Grito das Iaras', antologia poética com artistas paraibanas.



Fotos: Reprodução



Em um palco virtual



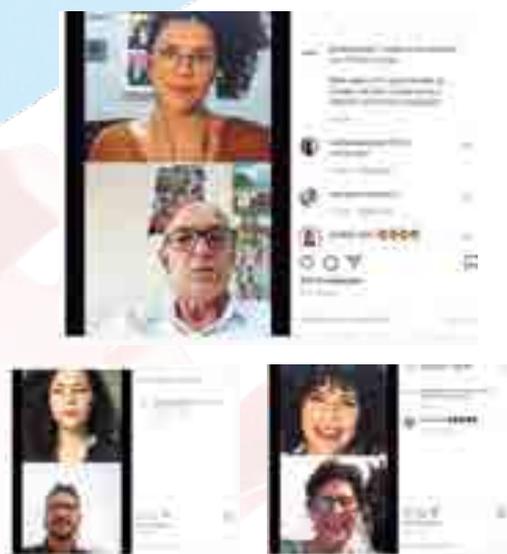
Como forma de encerrar o Ano Cultural dedicado ao Mestre Sivuca - que teria feito 90 anos em maio -, a EPC, em parceria com a Secom-PB e a Funesc realizaram a 3ª edição do Festival de Música da Paraíba, com transmissão ao vivo e respeitando todos os protocolos de segurança sanitária. A rapper Bixarte foi a vencedora do festival.



0 ano das “lives”



Jornal A União aderiu às transmissões, via rede social, para promover o lançamento de livros, realizar debates e conversas com especialistas. Comandada pela jornalista Gi Ismael, os bate-papos virtuais pontuaram o lançamento do livro ‘Espelhos de Papel’ e trouxeram deliciosas conversas com o diretor de Mídia Impressa da EPC, William Costa, entre outros.



90 anos da Revolução de 1930



Vários marcos da Revolução de 1930 foram trabalhados em especiais exclusivos e inéditos ao longo do ano nas edições do Jornal A União, como forma de marcar os 90 anos de um dos mais importantes eventos da história do Brasil. A uma reportagem especial, publicada em 28 de fevereiro, tratando do início do conflito em Princesa Isabel, seguiram-se especiais que trataram da morte do então presidente João Pessoa (26/7), de João Dantas (6/10) e Anaide Beiriz (22/10), entre outras reportagens. Destaque para o suplemento especial de 90 anos da revolução, produzido pela Editora A União, em parceria com o IHGP e lançado em 23 de julho.



EMPRESA PARAIBANA
DE COMUNICAÇÃO

R e t r o s p e c t i v a 2 0 2 0 n o Esporte

Geraldo Varela
Editor de Esportes

A pandemia do novo coronavírus segue matando milhares de pessoas no Brasil e no mundo, destruindo lares, empregos, dilacerando a economia, impondo confinamento às famílias, especialmente a pessoas idosas e portadores de comorbidades. E o esporte, notadamente o futebol, um dos segmentos de maior entretenimento e lazer, a válvula de escape do torcedor pelos estádios do país, para esquecer um pouco o descompasso de nossa desigualdade social, também sofreu um duro golpe como os esportes olímpicos em virtude do adiamento das Olimpíadas de Tóquio para 2021.

Clubes ricos e pobres na "pátria das chuteiras" passaram a falar a mesma língua com horizontes diferentes, dependendo de seu tamanho. A força que vinha das arquibancadas, desde o mês de março, se viu impedida de chegar aos estádios diante do perigo iminente do inimigo invisível.

Num primeiro momento, jogos ainda sem público e depois a paralisação, fato também verificado ao redor do mundo, onde os estragos da covid-19 eram até bem maiores. Em junho, depois de 93 dias de paralisação, a bola voltou a rolar no Rio de Janeiro com o jogo Flamengo x Bangu, apesar de protestos de vários clubes cariocas como Fluminense e Botafogo, que chegaram a entrar na justiça para impedir o retorno, mas

Um ano difícil para o futebol da PB

Foto: i



Protocolos de segurança foram adotados para o retorno das competições esportivas

foram vencidos.

Um "novo normal" entrava em cena com estádios vazios e protocolos sanitários extremos, onde máscaras e álcool em gel eram

indispensáveis a sua utilização, bem como a realização de exames semanais nos atletas para detectar ou não a presença do vírus. O futebol não podia mais esperar o controle da pandemia, pois na

ótica dos dirigentes, a perda de receitas iria quebrar os clubes, mesmo sabendo que não viria nada das bilheterias. Até o programa sócio-torcedor afetou as finanças dos clubes.

O futebol voltou e na Paraíba não foi diferente, apenas esperou mais um mês para dar sequência ao seu campeonato, também sob protesto de alguns clubes, assim como fora nos demais estados em busca da definição do campeão estadual para a liberação das competições nacionais.

O ano é realmente atípico, como também a participação vergonhosa de nossos clubes no Campeonato Brasileiro. A cena vista na última rodada da Série C, em que o Botafogo se manteve na disputa e o Treze foi rebaixado, retrata bem o futebol da Paraíba nesta temporada. Ainda bem que no meio do caminho, no meio do caminho, tinha um Imperatriz, daí as razões para comemorações de dirigentes, jogadores e membros da comissão técnica do Botafogo, abraçados, em orações, pela permanência na terceira divisão do Campeonato Brasileiro. Do outro lado do campo, tendo como palco o Almeidão, em João Pessoa, jogadores trezeanos desolados, pois o resultado de 1 a 1 no "Clássico Tradição" impôs o castigo de disputar a Série D do próximo ano com a companhia de Campinense e Sousa. E por que a citação ao Imperatriz?

Os nossos dois representantes na Série C só

venceram quatro partidas em toda a competição, cada, e duas vitórias frutos dos jogos contra o time do Maranhão, rebaixado antecipadamente e saco de pancada durante toda a disputa, daí ter somado apenas um ponto (um empate e 17 derrotas). O Belo ainda venceu o Ferroviário, em João Pessoa, e o Vila Nova, em Goiás, enquanto o Galo derrotou o Ferroviário, em Fortaleza, e o Botafogo, em Campina Grande.

E a que se devem essas vergonhosas participações na Série C, afinal, ficamos atrás de Jacuipense, Manaus e Ferroviário? A pandemia não chega a ser desculpa, pois todos os clubes enfrentaram a mesma situação. Faltou planejamento, sem o qual não se chega a nada. A vaidade dos dirigentes se fez mais importante que os clubes. Pelo fato de ter ganho o Estadual, quebrando a hegemonia do Botafogo no torneio, na grande surpresa da temporada, a diretoria do Treze achou que o time era forte e iria longe na Série C. Sem dinheiro e planejamento, sucumbiu, encerrando o ano rebaixado e com muita conta pra pagar. É bom ressaltar que os jogadores ameaçaram não entrar em campo no último jogo, caso não fosse pago um dos três salários atrasados. Não se podia sonhar com um desfecho diferente. O Botafogo não foi degolado, mas frequentou a zona de rebaixamento por várias rodadas e seu desempenho em 2020 é pífio, pois perdeu a vaga na Copa do Brasil, competição

de cota bastante considerável para o planejamento da temporada de 2021.

Se Botafogo e Treze fizeram o seu torcedor passar grande vergonha ao final da temporada, o que dizer do Campinense e do Atlético, os outros dois representantes da Paraíba no Campeonato Brasileiro, porém na quarta divisão? Ainda pior. Destaco o Campinense, clube vinte vezes campeão do Estado e bastante respeitado pela conquista, em 2013, da Copa do Nordeste, mas desmoralizado no Brasileiro da Série D ao não passar de fase e ficar atrás de clubes sem a menor expressão no Nordeste como Floresta-CE e Globo-RN, e, ainda, atrás do Atlético de Cajazeiras.

A Raposa contratou, ao logo do ano, mais de 80 jogadores e chegou a sete treinadores. Uma zorra a temporada do rubro-negro que, sem dinheiro, apostou numa parceria com uma empresa FDA Sports, um casamento que não deu certo. É bom registrar que desde 2012 que o Campinense disputa a Série D do Brasileiro. No caso do Atlético de Cajazeiras, não chegou a ser surpresa a sua eliminação diante do pequeno investimento e até brigou por vaga na última rodada.

Um capítulo à parte, fora da pandemia, foi a perda do genial jogador Diego Armando Maradona, aos 60 anos. A sua partida para outro plano comoveu o mundo e, principalmente, os argentinos que o tinham como maior ídolo do país. Maradona morreu após complicações de uma cirurgia realizada no cérebro para drenar uma hemorragia.



Que venha 2021

Não sairemos imunes de 2020. Essa é uma das certezas inquestionáveis que nos lega o ano que se finda.

Vivemos – e deixamos de viver – meses de angústia, medo, solidão, dor e lágrimas, numa corda bamba desassossegada, que nos tirou o prazer da tranquilidade, da serenidade.

Não foi possível viver o tempo. Praticamente, nem vimos o tempo passar. Estávamos ocupados demais com nossas preocupações em sobreviver! Estávamos, desde o começo, atormentados pela ameaça de um vírus que, se já não é mais tão desconhecido, ainda nos assombra e aniquila vidas pelo planeta.

E nada do que se falar sobre 2020 poderá ser dissociado da ameaça do novo coronavírus. Estivemos durante todo o ano, e continuamos, ligados à realidade de se viver – e se morrer – em meio a uma pandemia avassaladora.

Um cenário que nossa geração não conhecia. Não nessas proporções. Não com essa força.

Para falar a verdade, em 2020, não trabalhamos nem produzimos tudo o que poderíamos produzir.

Não viajamos. Não nos divertimos.

Não nos encontramos. Não nos amamos.

Nem mesmo sonhar, sonhamos.

Não tivemos tempo para isso.

Dedicamos nossas horas, nossos dias a uma angustiante vigília, aos cuidados para guardar nossas casas, nossas famílias, numa luta penosa para que o vírus não chegasse até nós.

Fomos do absoluto desconhecimento do perigo, no início do ano, à exaustão dos boletins diários com o número de mortos. Fomos do espanto diante de cenas inimagináveis que vimos pela imprensa a um estado de quase letargia. Estamos, de fato, cansados, exauridos.

Aguardamos notícias sobre a imunização contra o vírus como se aguarda uma carta de alforria.

Queremos dias diferentes em 2021. Queremos poder abraçar e beijar de novo. Queremos viver sem esse medo que virou quase extensão dos nossos corpos.

Que a humanidade possa, um dia, compreender melhor o que aconteceu em 2020. E que essa compreensão possa nos levar a decisões acertadas no futuro. Que o ano que termina nos deixe também ligados e aprendizados.

Porque buscamos o fim dessa angústia, mas precisamos admitir que somos o começo.

Buscamos a cura, mas provavelmente, também somos a causa.

É a humanidade e suas idiossincrasias...

Nara Valusca
Editora do Retrospectiva 2020
naravalusca@gmail.com

Assine o Diário Oficial do Estado da Paraíba.

	Assinatura Impressa	Assinatura Digital
Anual	R\$400	R\$300
Semestral	R\$200	R\$150



3218.6518



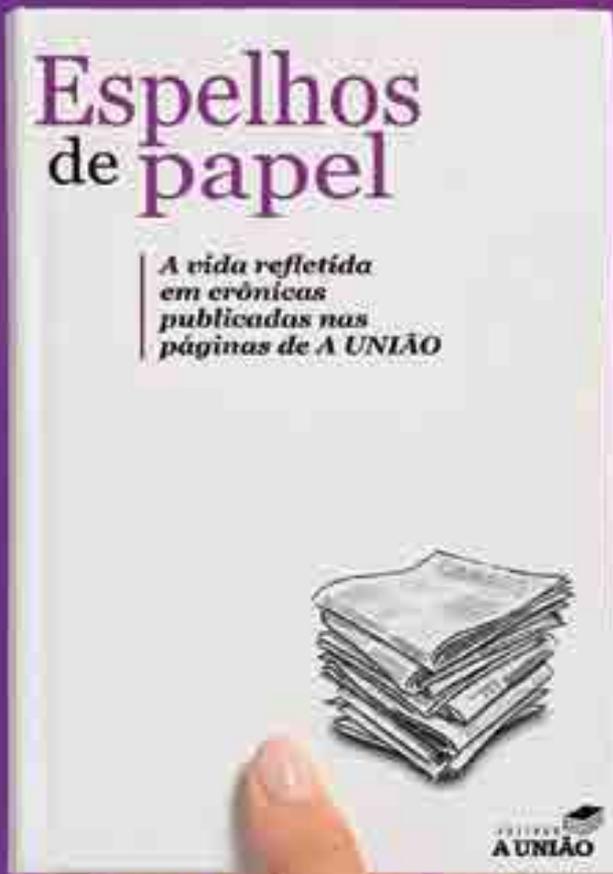
circulacao@epc.pb.gov.br



O Diário Oficial do Estado circula de terça a sábado e, excepcionalmente, aos domingos.

 **DIÁRIO OFICIAL**





Livro que retrata a vida refletida em crônicas publicadas nas páginas de A União. Produzido com a participação dos cronistas do jornal.

R\$30,00

Locais de Venda:

- Editora A União (3218-6500)
- Rádio Tabajara (83 9105-5864)
- Sebo Cultural (3222-4438)
- Livraria do Luiz (3576-5573)
(99317-6944)

A UNIÃO

EDITORA
A UNIÃO

EPC
EMPRESA PARAIBANA
DE COMUNICAÇÃO